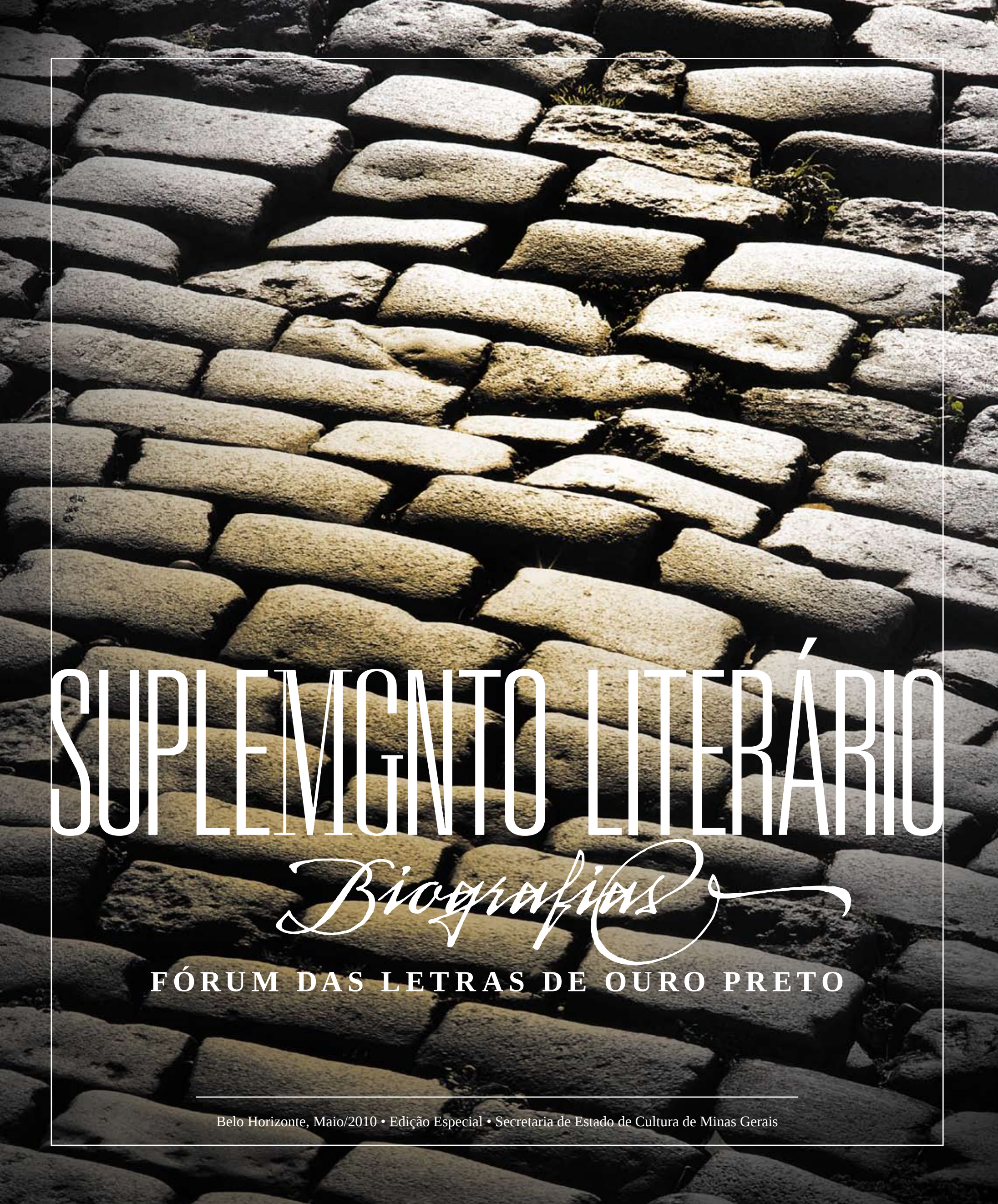


SUPLEMENTO LITERÁRIO

Biografias

FÓRUM DAS LETRAS DE OURO PRETO

Belo Horizonte, Maio/2010 • Edição Especial • Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais

O “lugar” da Biografia

Guiomar de Grammont

Levanto-me, vou até a janela, abro-a. Respiro, com certa reverência, o ar frio. A noite invade o aposento em que escrevo. Debruço-me no parapeito por um instante e desenho, com o olhar, a forma de interrogação do monte Itacolomi, que os primeiros bandeirantes tinham como marco para chegar a essa região. Sento-me de novo em frente à tela do computador e começo este texto.

Ao descrever esses movimentos, deixei de mencionar a textura das folhas da janela, não falei do movimento das mãos, não contei da cor ou o formato das roupas que visto, nem de como estavam meu cabelo e meus olhos, tampouco relatei o que me passou pela cabeça, ao realizar essa ação. Tantos pensamentos e sensações nos atravessam em um único minuto, que dirá em toda a existência. Escrever uma biografia parece um projeto impossível, um esforço vão para delinear o incontornável, uma tentativa inútil de tornar preciso o indefinível; baldado projeto de organizar o caos.

O que é uma biografia? A ilusão biográfica, como refletiu Bourdieu, consiste em dar unidade ao que é fragmentário e disperso. O sentido de uma existência é construído na narrativa. Ao mesmo tempo, a infinidade de pequenos acidentes, a banalidade do quotidiano parecem não interessar no momento em que se tenta reconstituir uma vida. São filigranas que dificultariam a montagem da história. Poderiam torná-la confusa ou carregada de detalhes que desviariam o leitor do eixo central. Além disso, a literatura é para o leitor e, por isso, tem sede do extraordinário, dos matizes fulgurantes que se destacam na matéria cinzenta dos dias. Supõe-se que, ali, o leitor encontrará o que não há em sua vida insossa e banal e, por isso, terá mais desejo de mergulhar no cinema que a vida do Outro pode significar.

Nem sempre, contudo, as biografias visam idealizar o biografado. Os melhores biógrafos são aqueles que conseguem recuperar pelo menos uma parte da fragilidade e da dor que marcaram a vida de seus personagens. Somente assim o leitor se identificará com eles. Dessa forma a biografia irá desempenhar plenamente seu objetivo de tornar mais próxima uma figura já conhecida, ainda que superficialmente. O interesse consistirá, justamente, em abrir essa caixa secreta e desvelar as alegrias e revezes que formam o tecido das vidas da maior parte das pessoas, sejam elas famosas ou não. Contudo, é preciso algo mais para tornar essa existência objeto das exaustivas pesquisas necessárias para se produzir uma obra. O fascínio que faz com que esse personagem mereça que sua vida seja transformada em livro já existia. O que motiva a biografia é o fato de que os episódios que constituem ou constituíram a vida privada desse personagem interessam a muitas pessoas. Porém, nas sociedades atuais, quando a imagem tornou-se um dos mais cobiçados produtos de consumo, o interesse por essas “personalidades” alcançou o paroxismo. Em nenhum outro momento da história, nem mesmo nas cortes romanas, esse interesse foi tão intenso como agora. Proliferam as biografias de personagens conhecidas. Hoje, elas se tornaram um dos maiores filões do mercado editorial em todo o planeta.

Contudo, a biografia, apreciada em todos os tempos e, sobretudo, na contemporaneidade, parece não ter conseguido ainda afastar a impressão de gênero menor, menos literário do que a poesia ou o romance. Seu parentesco com a ficção amplia o prazer da leitura na mesma medida em que sua veracidade é continuamente colocada em suspeita. Torna-se tanto menos exata, quanto mais literária. Ao mesmo tempo, a objetividade que almeja parece empecilho para um espécie de inventividade da linguagem que se tornou a convenção atual sobre o que seria “um bom texto literário”. Mas as biografias não deixam de ser cada vez mais lidas, apesar desse preconceito. Basta que a vida retratada seja a de um personagem que se tornou fetiche para o leitor. O biografado pode ser tanto uma figura da música, quanto um escritor ou cientista, e a qualidade da narrativa será definida pela profundidade das reflexões sobre seu trabalho ou personalidade. A biografia pode alcançar um altíssimo nível de sofisticação, mas, mesmo assim ainda continuará parecendo, para os críticos, menos importante como gênero do que como fenômeno cultural. Porém, essa posição pode ser interrogada a partir de um extremo: não seria toda literatura uma forma de autobiografia? Todo autor fala a partir de um topos, de um lugar a partir do qual percebe o mundo e o reinventa. Assim, todo olhar é perspectiva, portanto toda narrativa é o ponto de vista de um autor sobre o que é diferente dele mesmo. Mas esse Outro, no limite, não existe, uma vez que todo texto é extensão do autor, de sua história, de sua concepção de mundo. Enfim, todo texto é biográfico.

GUIOMMAR DE GRAMMONT
É idealizadora e organizadora do Fórum das Letras, realizado em Ouro Preto desde 2004, e curadora da Bienal do Livro de Minas Gerais, realizada em Belo Horizonte. Entre seus livros destaca-se *O Aleijadinho e o Aeroplano – o Paraíso Barroco e a Construção do Herói Colonial* (Civilização Brasileira, 2008).

Caderno de *notas*

Adriana Lunardi

31 de outubro

Manhã: É doce partir para um lugar chamado Confins. Sempre que embarco, imagino se a hora é boa para sair de cena. Os últimos episódios aéreos recomendam. *Escritora no voo desaparecido*, diz a página do jornal. Morrer numa viagem a trabalho seria o melhor dos epílogos para um autor. O pior? Deixar um livro inconcluso: será este, tenho certeza, o último arrependimento. *Meu livro!* Estas, as palavras derradeiras. Uma culpa nada boa para se arrastar até o Juízo Final. Max está com um romance no prelo, pode ir descansado, o sortudo. Já nas primeiras filas, vejo tombar por terra o devaneio de virar notícia: um time inteiro está a bordo – os jogadores são os sarados, de brinquinho; os fora de forma devem ser da equipe técnica (e espero estar certa na avaliação). *Brasileirão em luto*, antevejo a manchete. *Tragédia no campeonato nacional*, dependendo da data. Covardia! A literatura sempre perderá a primeira página para o futebol. Somos um país de torcedores e estádios, não um paraíso de bibliotecas. Enquanto espero pacientemente os boleiros acomodarem suas nécessaires Louis Vuitton nos devidos compartimentos, tenho tempo para olhar à volta e, sabia!, deparar com um jornalista famoso lendo jornal. Fim das chances no segundo caderno. Nota no site do *Prosa e Verso*, adeus! Resignada, me acomodo numa das poltronas ainda vazias, quando Max me sopra ao ouvido: sinto muito, mas você acaba de perder até a *Zero Hora.* E me aponta a cabeça loura de Marcelo Backes, o novo tradutor de Kafka, gaúcho dos mais alemães, currículo impecável, riograndense autêntico. Não dá para morrer hoje. A concorrência é muito qualificada, concluo.

Tarde: Não sei de que modo, Max encontra nas ruas o autor José Dias, terceiro elemento a compor a nossa mesa no Fórum. Ele nada tem da personagem homônima de Dom Casmurro, pois é redondo, franco e rico de humor, mas antes de tudo porque seu nome verdadeiro é Jorge Díaz. Um erro impresso, você sabe… Manuel da Costa Pinto dá dicas de restaurantes e de um museu que não visitou ainda e que eu acabei conhecendo – a opinião de um crítico, afinal –, motivo pelo qual o declaro em dívida perpétua para comigo. Ouro Preto é uma das cidades de minha infância. Foi ali que viveu meu primeiro herói brasileiro, um tipo cabeludo que além de enforcado teve a cabeça exposta em praça pública, o corpo fatiado e a família degradada até a última geração. Jamais esqueci o sal espalhado sobre a casa em que ele viveu. Detalhes macabros são a marca do romanesco, eu sempre soube. Nas ladeiras cobertas de pés de moleque penso nos sapatos dos inconfidentes. Terá Cláudio Manoel da Costa escorregado nessa pedra? E Tomás Antônio Gonzaga, ele parava para tomar fôlego e apreciar a vista?

Noite: Na mesa do bar, Max, Jorge – o ex-José Dias, Flávio Carneiro e Claudiney Ferreira conversam em diversas línguas, algumas que francamente nem existem. A cerveja não está gelada, mas congela toda vez que chega à mesa. Eles não percebem. Claudiney sabe tudo de artes gráficas de España. Ele ama escritores, uma perversão que me faz gostar dele mais ainda. José-Jorge quer saber que autores espanhóis contemporâneos são publicados por aqui. Recitamos vários nomes sem acertar nenhum, segundo o gosto do nativo. Depois, ele diz que Eça é melhor que Machado. A mesa treme. Com os talheres em punho passamos a comentar o hábito da antropofagia ainda vivo entre nós. Por fim, ameaçamos voltar a chamá-lo de José, e ele cede na opinião. Mais tarde, compreendo o humor do novo amigo quando ele diz que Jorge Luis Borges é um autor de língua espanhola, salvo que inglês. Inveja sua, arrisco em voz alta, vendo surgir nele a figura de José Dias, o verdadeiro.

1º de novembro

Manhã: Max sai para uma entrevista. Perco o café. Chove e faz sol no mesmo turno. Vamos aos monumentos. Pergunto-me até quando a cidade irá aguentar tantos carros em circulação. No Museu da Inconfidência entendo melhor o espírito conspirador. Os que estão ali para orientar abusam de um papel de feitio inquisidor. Estamos no lugar certo?, interrogam. Já passamos pelas outras salas?, verificam. Não se pode escolher o percurso da visita, onde se viu? Entre os móveis da época, há uma

Foto de Eduardo Tropia

Da esquerda para a direita: Flávio Carneiro, Jorge Díaz, Adriana Lunardi e Max Mallman

cadeirinha de arruar. Gosto da palavra. Vamos arruar de vez, convido, e saímos correndo para um punhado de jabuticabas.

Tarde: O carro vem nos buscar para o debate. Meu coração sobe ladeiras no camarim. Escritores são seres envergonhados. Nunca alcançam direito o próprio tamanho, mesmo os menores. Nem todos gostam de subir no palco e pontificar sobre o destino da literatura ou ter a máquina fotográfica sobre o corpo nu. Estamos mais para o Aleijadinho: seres meio tortos, a gastar os dedos moldando um idioma que em tudo lembra a pedra-sabão. Sim, nossa língua é um mármore menor, mas podemos deixar um patrimônio bonito. Ele conseguiu, a gente consegue.

Durante: Há pouco era eu que estava no lugar daqueles estudantes, a exigir que os mais velhos dessem respostas. Para a falta da cidadania, para o preço dos livros, para a inércia criativa, para as políticas de acesso à leitura, para o engodo da tevê, para o país tão medíocre comparado ao que a gente queria, para o mundo tão decepcionante diante daquele com que sonhávamos. Que dizer? O tempo só traz idade, nunca respostas.

Depois: A literatura é sempre mais ou menos do que se imagina. Às vezes, uma experiência silenciosa, às vezes um caixa de Pandora que nunca deve ser aberta. O pensamento me faz tropeçar em frente ao hotel Toffolo. E vieram dizer-nos que não havia jantar. Como se não houvesse outras fomes e outros alimentos. Não, hoteleiro, nosso repasto é interior. Drummond me acolhe na queda. Enquanto houver poetas, existirão pistas, mesmo que provisórias. Leiam, digo aos telhados, leiam.

❧

2 de novembro e mais tarde

A vocação do Fórum é exatamente a de ser um fórum. Uma praça pública onde paira o mais puro espírito contestador. Guiomar de Grammont a reger o coro, ela que sabe tudo de aleijadinhos. Quanto à garantia de um futuro, recomendo se não um time inteiro de futebol ao menos Flávio Carneiro e Arthur Dapieve no mesmo vôo. O que não dispensa terminar aquele livro.

ADRIANA LUNARDI
Escritora e roteirista de TV, nasceu em Santa Catarina e atualmente vive no Rio de Janeiro. Em 2002, lançou *Vésperas* (Rocco), livro de contos agraciado com a bolsa para escritores da Fundação Biblioteca Nacional e indicado ao prêmio Jabuti. *Corpo estranho*, seu primeiro romance (Rocco, 2006), acaba de ser publicado na França.

DA BIOGRAFIA À FICÇÃO

Aleilton Fonseca

Situada entre a história e a literatura, a biografia costuma ser vista como uma narrativa que descreve a vida de uma pessoa real. Geralmente o biografado é ou foi uma personalidade que desperta interesse público. Um exemplo disso é *Olga* (1985), biografia de Olga Benário Prestes, escrita por Fernando Morais.

A biografia, enquanto texto, não é necessariamente a descrição fidedigna de uma vida. Do ponto de vista formal, pode ser uma estratégia de escrita, um estilo, uma modalidade de texto. O formato biográfico pode ser adotado no processo criativo da ficção. E dados biográficos reais podem ser utilizados numa escrita ficcional.

E VICE VERSA

Dados biográficos do finado Marcelino (1965), de Herberto Sales (1917–1999), é uma ficção de formato biográfico. O seu narrador descreve a trajetória do seu prodigioso tio Marcelino, que se torna um rico comerciante de Salvador e leva uma boa vida no seu palacete, entre banquetes, vinhos franceses e viagens. O romance reconstitui a atmosfera da *belle époque*, nos anos 30, tempo da vida elegante dos salões burgueses.

O texto biográfico comporta modalidades que se constituem e se definem a partir dos objetivos e intenções do autor. Assim, é possível estabelecer as diferenças do projeto de um biógrafo oficial em relação ao de um ficcionista, quando ambos utilizam a técnica biográfica em seus textos. A biografia "real" narra a partir da pesquisa de dados e registros. Já a ficção pode simplesmente inventar a biografia de um personagem.

A ficção pode abordar a trajetória biográfica de uma personalidade real, extrapolando deliberadamente os registros oficiais de sua vida. Essa operação orienta-se pelos índices factuais, porque abarca a biografia, e pela verossimilhança, porque adota uma lógica interna. Ao transformar a pessoa em personagem, acrescenta-lhe atributos e circunstâncias que são aceitos como plausíveis. Um exemplo disso encontra-se no livro de nossa autoria, *Nhô Guimarães – romance-homenagem a Guimarães Rosa* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006), no qual a vida do escritor mineiro transforma-se em relato ficcional biográfico, pela voz de uma narradora sertaneja:

> Nhô Guimarães era de um olhar buliçoso como água de rio abeirando as pedras. Se me lembro! Ele se foi, de perto a longe, que destino de rio é viajar. Uma pessoa nasce nessas lonjuras de lugarejo, ganha os Gerais, levanta as poeiras, abraça o mundo, em seus viajares. Toda estrada é começo e fim. Uns que chegam, socam raízes; outros principiam o caminhar. Por aqui ele passava, muitomente voltando; apreciava o valor dos retornos.
>
> Nhô Guimarães, homem de Vista Alegre, lugar cidade de seu coração. Nome antigo, onde aprendeu a andar pelos ermos, sabendo avistar as alegrias. Seus olhos ficavam cheios de morros e vargens, fios d'água alisando pedras, de noite pescavam estrelas. O senhor experimente: não só enxergue as moitas e pés de pau; aprenda a ver com os olhos da alma: as bonitezas do mundo ficam para sempre no olhar da pessoa. Ele falava com a voz de dentro de si, que deixava a gente abismada de encanto.
>
> Ele dizia como era a Gruta do Maquiné, nos seus olhos de antigo menino olhador de tudo: que era um lugar de declarada boniteza,

de muito se ver e lembrar para sempre. A gruta era um lugar de estimação que ele visitava para depois trazer as notícias de suas alegrias mais profundas. Ali havia um tesouro guardado, um mundo de coisas e criaturas viradas em pedra, de tempos demais antigos, que agora a gente que lá entrasse na fundura do chão podia ver e se admirar. “A natureza sabe ser bonita”, ele confirmava, “olhem tudo isso ao redor, é de vocês, tudo pertence aos olhos”. A gente olhava, pronto: não era mais só aquilo que se via antes; ficava mais formoso pelo falar que ele sabia.

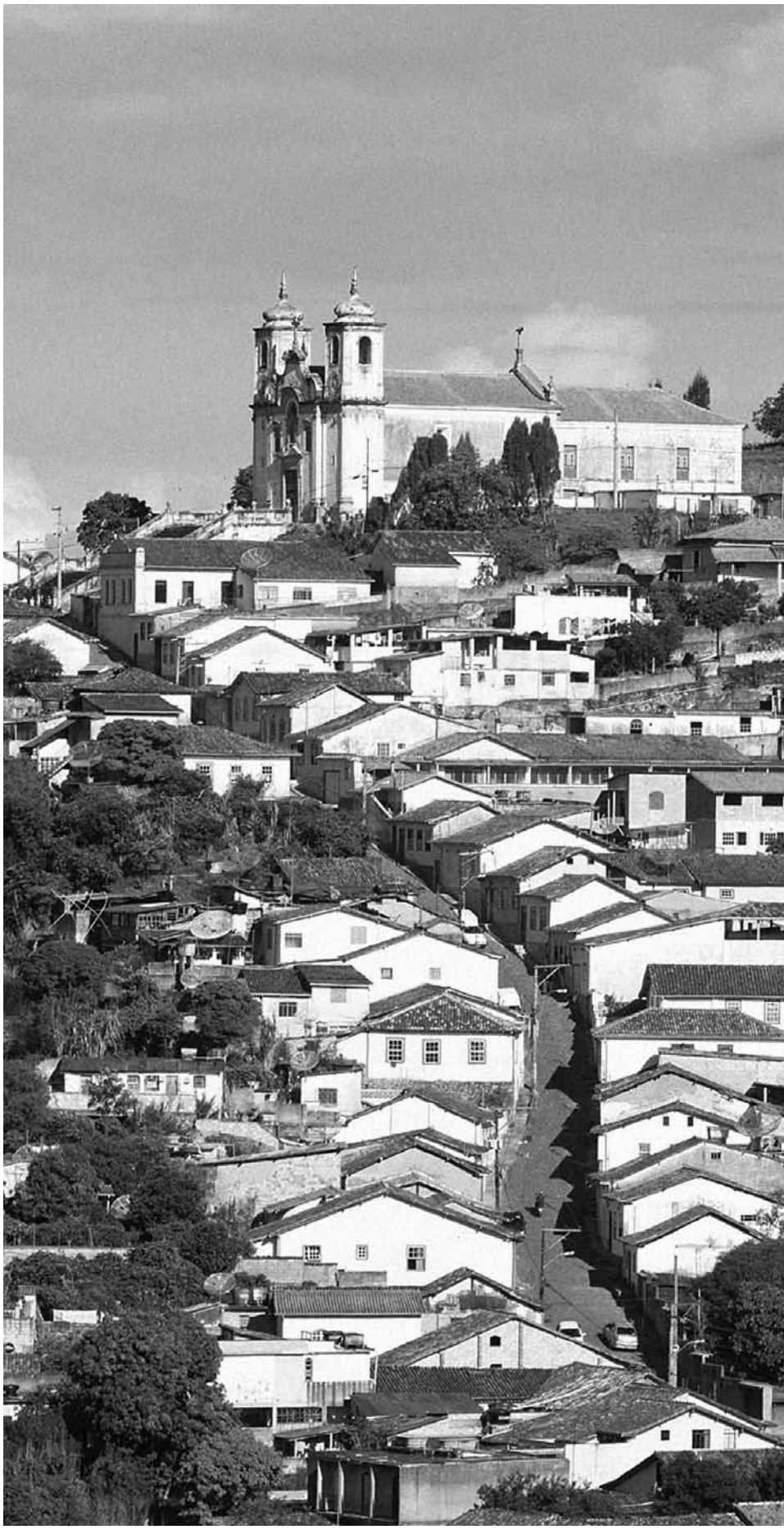
E sua cidade? A gente queria ouvir mais belezas. Nhô Guimarães sorria de leve, olhos iluminando, olhava lá pra fora, buscando seu lugar ali perto, para além das colinas. Então em vez de encompridar a prosa, se restava caladamente, mas satisfeito, naquele seu olhar longe da pergunta, parecia que viajando, como era mesmo sua viagem.

A gente indagava: como se chega lá? Ele se concentrava, como se ia contar um segredo: falava, com pausa, olhos sorridentes, daquele jeito manso, como um gato na manha de agradar, dizendo. “Ah, é perto e longe, depende da viagem. Vai de trem, vai a cavalo, como quiser se aventurar. Da Gruta do Maquiné para lá, vai pra menos de algumas léguas, umas horas de boa caminhada, abeirando montanhas, vales e colinas, cheirando o ar puro, com aquele frescor de perfume dos matos, vai indo até que avista uma dobra do morro, lá fica minha cidadezinha, um lugar que parece enfeitado, de poucas moradas, ruazinhas quietas, gente hospitaleira. Nunca vi, como ali, chuvadas mais fortes nem mais belas. De noite, o céu mostra milhões de estrelas, nunca vi coisa igual em nenhum lugar”. Ele contava esses certos aos curiosos de saberem suas origens. Nhô Guimarães tinha muito gosto de falar essas palavras, observando a gente boquiaberta, só para saber e guardar.

Que menino tinha sido esse Nhô Guimarães, capaz de usar bodoques, caçar preás, pegar passarinho? Ora, nem queira nisso pensar: Em menino fazia brincadeiras ajuizadas, sem perigo de cometer bobagem. Armava alçapão para pegar sanhaço, era bom. Depois soltava o bicho, apreciando o vôo renovado entre os galhos das plantas. Era sabido em inventar brinquedos para meninos quietos. Um fio d’água virava ribeirão, um chãozinho virava cidade. Assim inventava um sertão. (p. 126–7).

Como se observa, os dados biográficos do autor mineiro recebem um tratamento romanesco, com o objetivo de expandir os sentidos de suas ações, seus sentimentos e seus gestos, evidenciando diversos aspectos de sua subjetividade. Trata-se de uma narrativa híbrida: biografia e ficção. É biográfica porque calcada na vida de Guimarães Rosa, – e é ficcional pelo modo como os dados compõem o discurso da narradora que recria o escritor como personagem de romance.

Foto de Carol Reis



ALEILTON FONSECA
é escritor, doutor em Letras (USP) e professor da UEFS, na Bahia.

Ana Miranda

Nossas aldeias itabiranas

Percorre os meios literários a máxima de que, se descrevemos nossa aldeia, descrevemos o mundo. Autores partem em busca da própria geografia, ou indo ao seu encontro, ou a se distanciar mais, e mais, tanto que acabam por alcançá-la no outro extremo. A aldeia do poeta, digamos, uma pequena cidade mineira de nome Itabira, assim como as montanhas em que se passa a máquina do mundo, ferrou-se em nossa lembrança pela imagem de uma dolorosa fotografia na parede. Desde então, todos temos o melancólico retrato de nossa saudade. Ele julga ser triste, orgulhoso, de ferro, alheio à porosidade e à comunicação, por ter nascido naquela cidade de noites brancas e sem horizonte. As lembranças, o abandono, a destruição pelo tempo, foram fixados na imagem de nossas paredes interiores. Mas há outras aldeias. A de uma dama esquisita e requintada talvez seja o interior de uma igreja em sua cidade, e sua casa um oráculo, uma geografia pessoal adequada a uma poesia profundamente religiosa, em que o verso é uma prece. Na poesia que tem como título o nome da sua cidade, a poetisa fala de si mesma, e não sobre a cidade. Seu corpo é a própria geografia, pois há infinitas geografias. A geografia de um escritor pode ser um recanto de terra, um remanso de rio, ou a fazenda arraigada no sertão que se estende sob o sol arcaico, paisagem imóvel da qual ele recebeu suas vistas largas, seu sopro aceso, ou uma metrópole impessoal, ou as melancólicas ladeiras de um povoado colono… Um poeta desliza pelo rio geográfico que tudo sabe do lodo e da ferrugem, entre palavras que são lâminas a cortar suas flores de ferro. E nos livros de uma escritora sertaneja a geografia é fazenda na caatinga em seca, no espírito viril, na força do vaqueiro de sua aldeia. E o sertão metafísico é uma geografia criada por palavras escritas em processos alquímicos, recolhendo sonhos e distâncias. Nítidas geografias…

Mas há outras bem menos compreensíveis, que podem ser uma espécie de deserto amplo e misterioso, povoado apenas por vagas impressões de outros seres, abstrações, um limbo em que a palavra é o próprio ser. Ou a fumaça de algo fervendo no tacho, o som do piano pelas janelas em nossas cidades do interior bucólico, ecos de um tempo perdido que talvez jamais tenha existido. Outros países são a solidão, a angústia, o sentimento de exílio, o voo de um pensamento… Para uma nefelibata, por exemplo, sua cidade são as nuvens. Para o escritor, a verdadeira e íntima geografia, afinal, são as palavras.

Às vezes a geografia pessoal é uma escolha, às vezes uma imposição. Mas todos a temos, mesmo que ainda não revelada, e dela nunca nos afastaremos. A geografia pessoal dá forma ao nosso mundo, é uma maneira de não perdermos o passado, não ocultarmos o rosto, é a sensação de pertencermos a algo ou de sermos alguém, e ela nos torna originais. O exílio é a distância daquilo que amamos, o exílio é sonho. O tempo nos leva sempremente à infância. E jamais deixamos nossa geografia, ela faz parte de nós, mesmo quando a renegamos, ou pensamos que dela nos esquecemos, mesmo quando vamos embora.

Mas quando lá retornamos
Vemos que nunca nos fomos
Pois o lugar onde estamos
O lugar onde estaremos
É sempre o lugar que somos.

ANA MIRANDA
Escritora nascida em Fortaleza, Ceará, com diversos livros premiados e publicados no Brasil e no exterior, dentre eles *Boca do inferno* (1989), *O retrato do rei* (1991), *Desmundo* (1996), *Dias & Dias* (2002) e *Yuxin* (2009).

JORNALISMO × *Literatura*

Arthur Dapieve

O trabalho jornalístico ajuda ou atrapalha a atividade literária? Provavelmente esta é a pergunta mais frequente quando um e outra comparecem à mesma mesa, como, por exemplo, no Fórum das Letras de Ouro Preto 2009. Até por isso, como em tantas respostas apresentadas por repórteres, esta exige equilíbrio. Pois a resposta é ajuda e atrapalha.

Como são infinitos os caminhos que entrelaçam o jornalismo e a literatura, a única resposta honesta a ser dada sempre será absolutamente pessoal. Sou jornalista profissional há quase 25 anos. Sou romancista publicado há pouco mais de cinco anos. Essa diferença, entretanto, não representa a descoberta tardia de uma vocação. Muito pelo contrário, aliás.

Quando terminei o Ensino Médio, em 1981, eu tinha chegado a uma certeza relativa sobre como gostaria de ganhar a vida. Depois de descartar Engenharia Nuclear – quando criança eu ficara vivamente impressionado com o Acordo Nuclear Brasil–Alemanha – e Direito, concluí que, se tinha alguma chance de sobreviver feliz, era escrevendo ficção.

Tal certeza relativa implicava dois ou três caminhos distintos mais óbvios. Eu poderia cursar Comunicação Social e, nessa área, optar por Jornalismo ou Publicidade. Eu poderia cursar Letras, na habilitação Literatura. Imaginava que qualquer das duas ou três carreiras exercitaria a minha escrita a fim de também produzir a ficção que eu amava.

Fiz a coisa mais sensata para um indeciso: inscrevi-me nos vestibulares para Comunicação e para Letras. Aprovado, marquei a letra C por razões extraprofissionais, quase fúteis: o *campus* da PUC-Rio era, e continua sendo, lindo, e por lá me aboletei. De certa forma, até hoje: leciono Jornalismo no Departamento de Comunicação Social.

Dentro do curso de Comunicação, a empatia foi maior com os professores de Jornalismo e com os colegas que pretendiam seguir essa habilitação. Juntei-me a eles. Durante três anos e meio – fiz curso de férias para adiantar créditos – eu escrevi, escrevi, escrevi e, depois, reescrevi, reescrevi, reescrevi. Notícias, reportagens, editoriais.

Não me importava muito, àquela altura do campeonato, que o material do trabalho jornalístico, a dura realidade dos fatos, fosse inteiramente diferente do material da atividade literária, a livre invenção de histórias. Interessava-me, ali, naquele laboratório de máquinas de escrever, era que tanto um quanto outro se faziam em cima quase das mesmas palavras.

Foto de Paulo Lacerda

Uma vez diplomado, a pesada rotina das redações – do *Jornal do Brasil*, da revista *Veja Rio* e do jornal *O Globo* – atrapalhou por cerca de 20 anos o projeto de escrever meu primeiro romance. No entanto, nela pude exercitar ainda mais o texto, compreender o que funcionava e o que não funcionava, e em quais circunstâncias, pude buscar um estilo.

O trabalho jornalístico levou enfim ao convite para escrever um primeiro livro, *BRock – O rock brasileiro dos anos 80*, publicado em 1995, e este livro a outros livros, todos de não-ficção, todos de alguma forma desdobramento dos meus anos como repórter. Mesmo dentro deles, porém, foi possível testar recursos comuns a livros de ficção.

Em especial na pequena biografia em *Renato Russo – O trovador solitário*, de 2000, tentei contar a história do líder da Legião Urbana como quem conta a saga de um herói romântico (o que Renato era). Não precisei dourar a pílula. A vida estava lá, cabia-me deixá-la fluir por entre entrevistas, depoimentos, relatos, dados de vendagem de discos.

Quatro anos depois, publiquei afinal o primeiro romance, *De cada amor tu herdarás só o cinismo*. A experiência na reportagem ajudou-me a tornar verossímil o *affair* entre o publicitário quase cinquentão e a estagiária ruiva da agência. Houve até quem achasse que se tratava de um *roman à clef*, no qual personagens reais aparecem com nomes trocados. Não era. Bernardino e Adelaide, contudo, só existiram na minha cabeça.

O jornalismo, portanto, ajudou-me, primeiro, a aprender a escrever, de verdade; depois, a passar da efemeridade das páginas da imprensa à relativa perenidade dos livros de não-ficção; e, por fim, a engambelar o leitor com uma história inventada, mas com ares de crônica de um amor existente. Uma história, por sinal, cujos principais elementos já haviam me ocorrido quase 20 anos antes – 20 anos de gestação compulsória – da publicação.

Foi um desafio não recair no estilo jornalístico no segundo romance, *Black music*, de 2008, mas a capacidade de observação e de audição apurada como repórter mostrou-se fundamental na hora de contar o triângulo entre um americano sequestrado, um traficante e uma das namoradas deste, todos adolescentes, cada qual com sua voz. E aqui, mais uma vez, jornalismo e literatura se reencontraram na minha vida: ambos sempre ouvindo as vozes dos outros, seja lá fora, na realidade, seja aqui dentro, na imaginação.

ARTHUR DAPIEVE
Nasceu no Rio de Janeiro em 1963. É jornalista e crítico musical. Atualmente trabalha para o jornal *O Globo*. Autor do romance *De cada amor tu herdarás só o cinismo* (Objetiva), entre outros.

Retrato de uma Senhora

Arthur Nestrovski

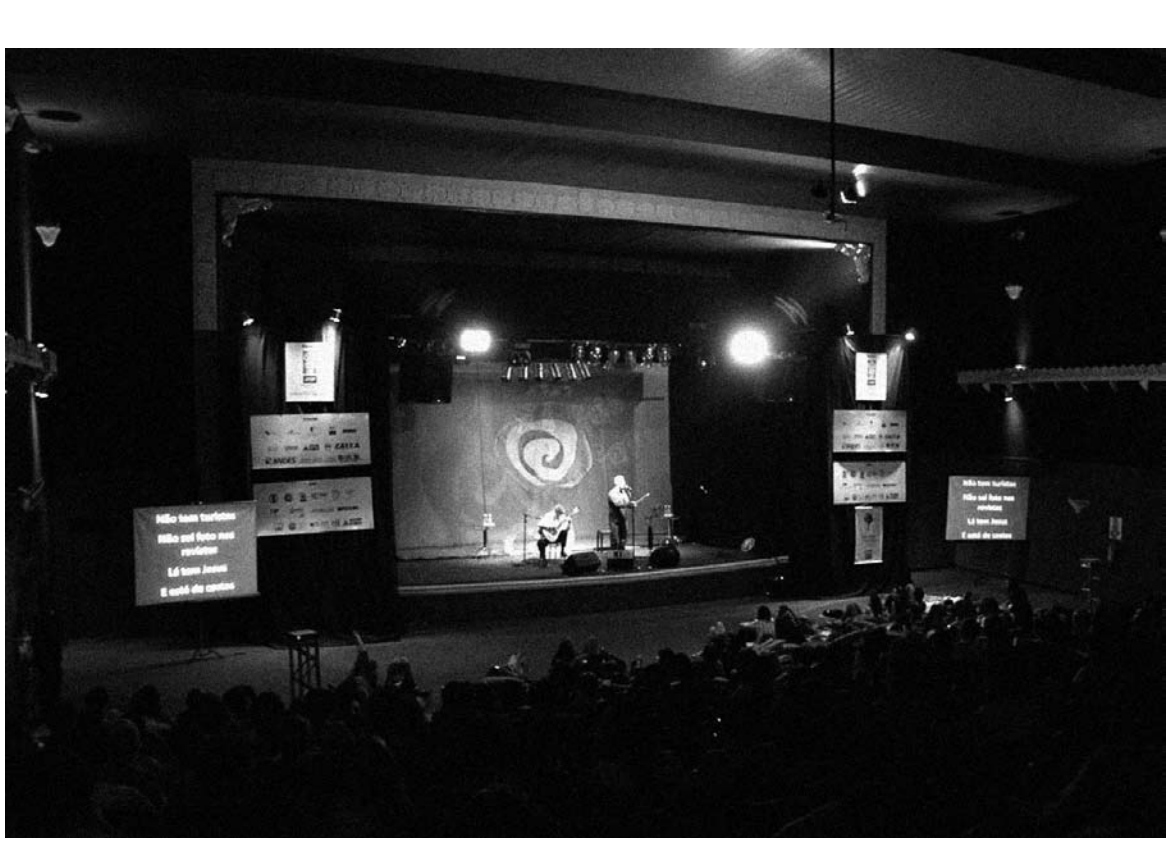


Foto de Eduardo Tropia

Arthur Nestrovski e José Miguel Wisnik

Quando ela passa sozinha
Jeito de quem nunca chama atenção
Vendo de longe a senhora
Quem pensaria: tormento e paixão

Nunca passa um dia, nunca passa uma noite
Sem que ela se roa de lembrar
Um dia só na vida
E a vida lá

Era um interdito, um nunca visto
Na noite quente da cidade tão normal
Lembra do quarto e da cama
Lembra de um céu surreal

Era um calor de dar aflição
No campo sem ondas do mar
Era paixão pra um conto imortal
Ou cena de um filme real

Lembra algum verso cantado
Do tanto que se perdeu

[instrumental]

Lembra da cidade em chamas
Lembra do céu surreal

Era um verão de dar aflição
Perder totalmente a razão
Era paixão pra um conto imortal
Ou cena de um filme real

Canta algum verso roubado
Do tanto que já esqueceu
“Saímos de braço dado
A noite escura e mais eu”

Em 2009, a editora Companhia das Letras deu início à reedição das Obras de Lygia Fagundes Telles. Para marcar essa fato,organizou-se um evento no SESC Vila Mariana, em São Paulo (dia 28/4); e foi para esse evento que Arthur Nestrovski compôs a canção *Retrato de Uma Senhora,* livremente inspirada na obra da escritora. Na interpretação de Ná Ozzetti, a música está gravada em clipe disponível no YouTube (basta digitar “Retrato de Uma Senhora”), e integra também o CD *Pra Que Chorar,* de Celso Sim e Arthur Nestrovski (a sair em 2010).

ARTHUR NESTROVSKI
Nasceu em Porto Alegre, em 1959. É o diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), formado em música pela Universidade de York (Inglaterra) e doutor em literatura e música pela Universidade de Iowa (EUA). Autor, entre outros, de *Notas Musicais* (Publifolha, 2000).

BIOGRAFIA DE JESUS: POR QUE SÃO QUATRO OS EVANGELHOS

Frei Betto

Trinta e cinco anos após a ascensão de Jesus, circulavam pelas cidades do Mediterrâneo fragmentos de papiros e pergaminhos contendo narrativas de seus feitos. As primitivas comunidades cristãs disputavam os relatos das curas que ele operara, das palavras que dissera, dos gestos que fizera, lidos nas celebrações da ceia do Senhor.

O nazareno repudiado como maldito e dependurado na cruz era, agora, visto pela fé de seus discípulos em sua ressurreição como Deus feito homem e homem feito Deus. Haviam caído as fronteiras entre o divino e o humano, o natural e o sobrenatural, a imanência e a transcendência.

Lázaro, preocupado com a proliferação de relatos fantasiosos, misturados às narrativas dos apóstolos, dos discípulos e daqueles que testemunharam os feitos de Jesus, reuniu alguns dos autores empenhados na reconstituição da vida do Filho do Homem. Compareceram a Betânia os apóstolos João, Mateus e Tomé, e os discípulos João Marcos e Lucas, médico de Antioquia.

O anfitrião propôs aos convidados que os fragmentos sobre Jesus fossem cuidadosamente selecionados, os apócrifos descartados e o material confiável editado numa única obra destinada às comunidades eclesiais com o selo da autoridade daqueles que conviveram com Jesus.

Mateus explicou pretender relatar o que vira e ouvira do mestre. Queria convencer os israelitas de que Jesus era o Cristo. Não se conformava com o fato de seu povo não se dar conta de que o homem de Nazaré era o Messias aguardado havia séculos, agora vivo na fração do pão, na comunhão do vinho, no mistério da compaixão e do amor.

Tomé revelou que, há tempos, vinha registrando os ensinamentos que recebera da boca de Jesus. O apóstolo abandonara a medicina para se consagrar ao anúncio da boa-nova. Sublinhou não lhe interessar tanto os fatos, mas a sabedoria do mestre que ecoava em seus ouvidos e ressoava em seu coração.

João mantinha-se atento, abraçado à sacola da qual despontavam pequenos rolos. Indagado sobre como acolhia a proposta de Lázaro, disse que já trazia anotados diversos episódios atestando que Jesus passara pelo mundo fazendo o bem. A seu ver, se todas as coisas que Jesus fez fossem escritas uma a uma, o mundo não poderia conter tantos livros. Considerava que a diversidade de relatos era mais uma riqueza que um problema, desde que não extrapolassem a verdade. O importante, frisou João, não é as pessoas terem fé em Jesus, e sim terem a fé de Jesus.

Mateus não conteve sua curiosidade. Esticou o braço e agarrou um dos rolos. Percorreu o papiro com olhos gulosos: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus.*… Um poema! Nunca passara por sua cabeça que o mais jovem dos apóstolos fosse poeta. João, entretanto, precipitou-se sobre o rolo, cioso de sua obra.

O médico de Antioquia não parecia muito à vontade naquela roda. Interpelado, esclareceu que viera à Judeia pesquisar o que se sabia a respeito de Jesus. Queria contribuir para alimentar a fé das comunidades do mundo greco-romano, sobretudo de autoridades e pessoas instruídas que tinham sido tocadas pelo testemunho dos apóstolos, em especial do incansável missionário Paulo de Tarso, antigo fariseu que se convertera ao caminho de Jesus.

Tomé mostrou-se cético. Como o doutor se propunha a descrever a vida de uma pessoa que não conhecera pessoalmente? Como seria possível narrar o que não se viu nem ouviu?

Lucas, um tanto acanhado, evocou sua amizade com Maria, de quem colhera lembranças que ela trazia no coração e na memória. Andara pelos lugares em que Jesus estivera, entrevistara aqueles que o conheceram, examinara pessoas que ele curara. Coletara tanto material nas comunidades visitadas, que pensava escrever um segundo livro relatando os atos dos apóstolos.

Marcos recordou que conhecera Jesus em sua casa em Jerusalém, na última ceia do mestre com os doze. Acompanhara-os ao Horto das Oliveiras. Vencido pelo cansaço, pois trabalhara todo o dia na preparação do jantar que seus pais ofereceram ao grupo de Jesus, enrolou-se num lençol e adormeceu sob a copa de um pé de azeitonas. Despertara assustado quando os guardas se aproximaram para prender Jesus. Tentara escafeder-se, mas um deles o agarrara. Felizmente, segurara o pano e não a pele, não lhe restando alternativa senão fugir em trajes adâmicos…

Mateus indagou se ele reunira suficientes dados para escrever sobre Jesus. Marcos respaldou-se em sua condição de discípulo de Pedro que, como braço direito de Jesus, guardara uma nítida memória de tudo. Acrescentou que seu projeto visava a suscitar a fé dos pagãos. Trazer uma resposta à pergunta que ecoava em todo o Império: Quem foi Jesus?

Ao ver cair por terra sua proposta de reunir todos os relatos num único livro, Lázaro indagou como eles cogitavam apresentar a responsabilidade de Judas na morte de Jesus. Fez-se demorado silêncio. João devolveu a questão. Lázaro ajeitou-se nas almofadas e frisou não considerar justo fazer recair toda a culpa nas costas de Judas. Era possível que Jesus não tivesse sido assassinado se não perdurasse, há tempos, forte tensão entre o Sinédrio e os romanos. A turba clamara por Barrabás por temer os profetas que criticam o Templo. Ao chicotear cambistas e comerciantes no átrio dos pagãos e, mais tarde, proclamar que o Templo seria destruído, Jesus abalara os alicerces da economia de Israel. O receio de Lázaro era que Judas passasse à história como bode expiatório.

Pelo curso da conversa, Lázaro deduziu que seria inevitável a variedade de relatos sobre Jesus.

João defendeu a liberdade de cada um escrever o que, pela fé, o Espírito lhe ditasse. Era óbvio que suas óticas a respeito do Ressuscitado não coincidiam. Seu propósito diferia dos demais. Empenhava-se em elaborar algo mais do que uma narrativa dos fatos. Não tinha o mesmo interesse de Lucas pelas curas. Em sua mão, a pena transformava-se em pincel e coloria um mural teológico com motivos pastoris.

Marcos admitiu não ter competência para tanto. Seu objetivo era ressaltar a humanidade de Jesus. Aliás, seu texto era uma sinopse e estava por terminar. Adotava nele um estilo de impacto, como em anúncios e proclamas.

Em tom conciliador, de modo a superar seu desconforto com o resultado da conversa, Lázaro deu por encerrado o encontro sublinhando que todo ponto de vista é a vista a partir de um ponto. Se assim não fosse, fariseus e saduceus fariam idêntica interpretação do mesmo capítulo de Isaías. E a leitura da Torá nas comunidades cristãs coincidiria com a que se ouve nas sinagogas. Estava sinceramente convencido de que as cinco narrativas assinadas por seus convidados seriam uma riqueza para a fé das gerações futuras. A seu ver, Jesus tem muitos rostos, e o significado de sua vida não caberia jamais na precária linguagem humana. Só o amor, que transcende as palavras, o alcança.

FREI BETTO
é escritor, autor do romance *Um homem chamado Jesus* (Rocco, 2009), do qual o texto acima se constitui no posfácio.

A casa dos meus quarenta anos

José Inácio Vieira de Melo

Assim é a casa dos meus quarenta anos,
assombrada e sóbria como um bacurau.

Em seus largos cômodos,
habitam uma enorme solidão
e muitas vontades de vida.

É noite e estou em meu quarto
urdindo meus infinitos à eternidade.
Eu – apenas eu – eu.

Lá fora, uma sinfonia de questionamentos:
grilos, sapos, rãs na sua intermitente litania
enlouquecem meus fantasmas.

A minha casa, às três horas da madrugada,
tem os olhos bem abertos – esbugalhados sertões –
e os seus fantasmas, somatórios do eu,
vão se arrumando do jeito que podem.

Um, no quarto ao lado,
implora para que desatem o nó da forca.
Não suporta mais as folhas da algarobeira
chorando o seu destino.

No quarto do outro lado,
outro choraminga suas dores, suas pernas quebradas,
o sangue escorrendo para o nada
(esse espectro dói demais e a sua grande
novidade é saber que vai morrer).

No quarto derradeiro,
os morcegos dormem sossegadamente
e seu mundo não é de cabeça para baixo.
No quarto derradeiro da casa dos meus quarenta anos,
os morcegos adubam o terreno e aguardam a chegada
de mais um dia, de mais um ano.

E assim, no bater das asas do galo pedrês,
o choro do recém-nascido.

E de dia a casa dos meus quarenta anos
é cheia de janelas azuis abertas para o azul.
E uma multidão de ventos vem assobiar dentro dela,
vem renovar os ares, sacudir os quadros nas paredes,
jogar meus retratos pelo chão.
Ventos dadaístas
a remexer nos meus poemas, mudar seus versos,
rearrumar suas estrofes.

E o dia vai crescendo com uma claridade medonha,
e as telhas da minha casa abrem os olhos
e olham para o alto e se benzem e dizem amém
(cada telha da casa dos meus quarenta anos
é um olho aceso espiando dentro de suas cores).

E há momentos em que tudo que é bicho se cala
e a casa mais parece um cemitério.

A casa dos meus quarenta anos é caiada de branco
e tem janelas azuis abertas para o azul.

A casa dos meus quarenta anos – cemitério de ilusões.

JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO
Alagoano radicado na Bahia, é poeta e jornalista. O poema desta página está no livro *Roseiral* (Escrituras), um dos vencedores do prêmio da Fundação Pedro Calmon, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e lançado recentemente.

Foto de Carol Reis

Pérolas absolutas

Heloisa Seixas

Fundo do mar, em algum ponto do planeta. Na luminosidade difusa, partículas mínimas – fragmentos de plantas, microorganismos, grãos erguidos do chão arenoso – dançam nas águas uma dança a que ninguém assiste. No mais, tudo é silêncio e quietude no fundo do mar, esse mar eterno.

Mas não, nem tudo.

Há, no seio de uma ostra, um movimento – ainda que imperceptível. Qualquer coisa imiscuiu-se pela fissura, uma partícula qualquer, diminuta e invisível. Venceu as paredes lacradas, que se fecham como a boca que tem medo de deixar escapar um segredo. Venceu. E agora penetra o núcleo da ostra, contaminando-lhe a própria substância. A ostra reage, imediatamente. E começa a secretar o nácar. É um mecanismo de defesa, uma tentativa de purificação contra a partícula invasora. Com uma paciência de fundo de mar, a ostra profanada continua seu trabalho incansável, secretando por anos a fio o nácar que aos poucos se vai solidificando. É dessa solidificação que nascem as pérolas.

As pérolas são, assim, o resultado de uma contaminação. A arte por vezes também. A arte é quase sempre a transformação da dor.

Escrever, por exemplo. Fico lembrando de quando comecei. Estava com quase 40 anos e de repente alguma coisa dentro de mim clamou por ser escrita, mas clamou ferida, gritando. E eu cedi. As pessoas às vezes me perguntam se não é preciso coragem para começar a escrever tão tarde, mas respondo que não foi por coragem que comecei e sim por covardia. Tinha medo de morrer. Ou melhor, tinha certeza de que morreria se não escrevesse.

Hoje, mais de dez anos passados, fico pensando ainda em tudo isso, na magia e no fascínio da escrita. Quando escrevemos um romance, entregando-nos à história por semanas, meses, anos, temos por vezes a impressão de estar cruzando um deserto. E corre na espinha o medo de nunca chegar do outro lado. Mas afinal chegamos. E aí nos vem aquela sensação de vazio, como a de alguém que morto de sede atravessasse o deserto apenas para descobrir que no horizonte o que está à sua espera é o mar. O mar, a água salgada, incapaz de matar a sede. E vemos que será preciso virar as costas e trilhar outra vez o deserto, outros desertos, incansavelmente.

Há dor, delírio e delícia em tudo isso – mas, que importa? Escrever é preciso. É preciso continuar secretando o nácar, formar a pérola que talvez seja imperfeita, que talvez jamais seja encontrada e viva para sempre encerrada no fundo do mar. Talvez estas, as pérolas esquecidas, jamais achadas, as pérolas intocadas e por isso absolutas em si mesmas, guardem em si uma parcela faiscante da eternidade.

(de *Uma ilha chamada livro*)

HELOÍSA SEIXAS
Nasceu no Rio de Janeiro. Jornalista e escritora, entre outros publicou *A Porta* (Record, 1996), *Através do vidro* (2001) e *Pérolas absolutas* (Record, 2003).

Foto de Carol Reis

Ouro Preto com suas ruelas, becos e entradas inesperadas carrega um quê de outro mundo. Situações enigmáticas emergem e desaparecem frequentemente. E é neste contexto que me deparo com um personagem etéreo/concreto, vendedor de livros e de ideias, bem nas escadas do Cine Vila Rica, próximo à rua direita, e que encerra senão a história, ao menos uma boa parte da mesma. Pergunto o nome deste "vendedor" e a resposta soa estranha: "o fantasma do cinema". Ainda um pouco atônita, pergunto o preço de uma biografia, recém lançada, e escrita por um jornalista. "Essa aí eu ganhei, mas faço mais barato, já que não consigo vendê-la; além do mais foi escrita por um jornalista". Estranho o comentário, já que conheço o autor e a obra e sei que o resultado é muito bom. Insisto: "Qual o problema de ter sido escrita por um jornalista?". A resposta vem como um petardo: "Eles [os jornalistas] não têm método".

Situação à parte, esta questão me intriga há algum tempo. Se na área da história, por exemplo, a produção biográfica conta com reflexões consistentes, com tentativas mais recentes que procuram reabilitar esse gênero (ou subgênero, como preferem alguns) híbrido, na acepção de François Dosse, no campo jornalístico são tímidas as manifestações reflexivas sobre o assunto.

O crescimento editorial das biografias escritas por jornalistas atestam a necessidade de um aporte mais direto por parte do campo jornalístico. Quem são estes profissionais que se lançam à produção biográfica? O que dizem sobre essa produção? Quais os procedimentos metodológicos que utilizam neste processo? Como são construídas estas narrativas? Como são trabalhadas as categorias tempo e espaço? Qual a análise feita pelos críticos? Qual a interlocução entre os pares? Questões que não serão respondidas neste texto, mas que merecem alguns apontamentos que serão colocados a seguir.

O Brasil conhece, em especial a partir da década de 90, um vertiginoso crescimento editorial de biografias escritas por jornalistas. Nomes consagrados pelos altos índices de vendagem como Ruy Castro, Fernando Morais, Jorge Caldeira, José Castello, entre outros, colocam a disposição do

Jornalismo Biográfico

Marta Maia

leitor histórias intrigantes sobre a vida de inúmeros personagens brasileiros como Nelson Rodrigues, Vinicius de Moraes, Assis Chateaubriand (Chatô), João Cabral de Melo Neto, Barão de Mauá, entre tantos outros, que são impressos, literalmente, na história contemporânea.

Algumas destas produções começam então a ser estudadas, afinal é preciso refletir sobre as visões que permeiam este processo. Sergio Vilas-Boas é um dos precursores desta discussão de maneira mais específica. Em seu livro *Biografias e Biógrafos*, lançado em 2002, aponta para a necessidade desta discussão ao analisar como ocorre esse trabalho autoral a partir especialmente das biografias de *Chatô, Mauá* e *Estrela Solitária* (Garrincha).

Antes dele, entretanto, a pesquisadora Maria Aparecida Baccega, sem a pretensão explícita de discutir biografias, já levantava que se o escritor [literário] trabalha com o presente, a partir da verossimilhança, e o historiador reelabora o passado a partir do presente, então ao jornalista/comunicador compete implementar estas duas operações conjuntamente, o que a faz concluir que a tarefa deste último profissional é, sem dúvida, muito mais complexa.

Ao produzir um trabalho biográfico, o profissional deve se valer de inúmeras experiências reflexivas das várias áreas do saber como a antropologia, história, psicologia e literatura para assim poder dar o contorno necessário à "ilusão biográfica", nas palavras de Pierre Bourdieu. Trata-se, portanto, de afastar o jornalismo biográfico das convenções jornalísticas sacramentadas nos manuais de redação dos meios de comunicação convencionais.

Cabe ainda, neste breve texto, um exemplo que considero emblemático. Trata-se da obra do jornalista e crítico literário José Castello, denominada *João Cabral de Melo Neto: O homem sem alma.* Em sua segunda versão, publicada em 2006, o jornalista acrescenta o que ele denomina "Diário de tudo", em que relata suas impressões dos 21 encontros que manteve com o poeta entre março de 1991 e abril de 1992. Ao possibilitar a socialização do processo de produção desta biografia, Castello levanta algumas questões de caráter metodológico que ajudam a pensar sobre os procedimentos utilizados para a composição desta obra, acrescentando mais alguns elementos que ajudam a configurar um espaço reflexivo na área.

É possível, portanto, identificar trabalhos consistentes, tanto na academia quanto em ensaios publicados nos meios convencionais, que começam a refletir sobre o processo de produção das obras biográficas, em especial as escritas pelos jornalistas. O Fórum das Letras, edição 2009, representa um exemplo contundente neste sentido, pois conseguiu reunir alguns dos maiores jornalistas (além de pensadores) responsáveis por publicações biográficas. Nestes dias pôde-se perceber que a questão metodológica faz sim parte da preocupação destes profissionais que encaram com seriedade esta nova vertente autoral.

Espero que "o fantasma do cinema" tenha acompanhado este evento, realizado em boa parte, em "seu" local de trabalho, e que tenha conseguido, mesmo com sua aparição simbólica, algumas respostas a esta desconfiança metodológica, que não deve ser desprezada, mas que, em boa parte, foi elucidada nos depoimentos e debates ocorridos no Fórum. Entretanto, é preciso dizer que alguns enigmas ainda persistem.

MARTA MAIA
Professora do departamento de Jornalismo da Universidade de Ouro Preto (Ufop), com doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003). Desenvolve pesquisas a respeito de narrativas.

Trabalho braçal, design de linguagem: poesia

Ricardo Aleixo

O mais fácil, quanto ao poeta Guilherme Mansur, seria repetir mecanicamente o que dele disse Haroldo de Campos: “um tipoeta sensibilíssimo”. O mais difícil é não transformar esse bem sacado jogo de palavras em uma *classificação*. Como se a aglutinação das palavras *tipógrafo* e *poeta* desse conta, por si só, de traduzir o rico e desafiador universo de Mansur. Claro está que GM é um tipógrafo. Sensibilíssimo. E que o adjetivo se estende ao poeta. Mas nem de longe tais conclusões revelam a complexidade de sua obra.

Também seria fácil classificá-lo como “um poeta ouropretano”, tamanha é sua reiterada ligação com a cidade em que nasceu no ano de 1958 e onde vive. O mais difícil é ver o quanto a poesia dele se nutre, sim, dos estímulos visuais, plásticos, sonoros e outros que tais de sua cidade mátria, sem contudo se restringir aos localismos de vezo folclorizante. Guilherme quer muito mais: afinal, a cidade traduzida iconicamente pelo poeta é aquela que, no século 19, segundo ele, “deixou o registro do ferro fundido sobre o ouro e a cantaria do século 18”, foi transformada pelo “ciclo do alumínio na segunda metade do século 20” e que, ainda na visão de GM, fará do aço o material de novas “interferências arquitetônicas” em sua aparentemente imutável paisagem.

Kiss
Poema objeto de Guilherme Mansur

Atento à materialidade do signo, não foi à toa que Guilherme Mansur afirmou, no vídeo sobre seu trabalho realizado pela produção do Fórum das Letras, neste 2009, que a poesia é, para ele, "mais trabalho braçal e menos intelectual". Na obra de Mansur, o corpo pensa *o* que faz, pensa *o fazer*, pensa as condições de sua própria presença no mundo e, dessa forma, oferece ao leitor a chance de alcançar, mais que o mero "conteúdo" de um texto, a realidade física desse mundo formado por palavras, sinais gráficos e espaços em branco.

Daí a necessidade de tentar ler a obra de GM como etapas da poética em processo de um verdadeiro "designer da linguagem" (Décio Pignatari *dixit*), de um poeta que *desenha* (= designa) os limites e as possibilidades de ultrapassagem dos limites de seu objeto. O braço, que abarca metonimicamente não só as mãos e os dedos, mas, também, o olhar, em seu propósito de redesenhar, por exemplo, um recorte da cidade de Ouro Preto, faz de sujeito e objeto realidades isomorfas, num exercício de alteridade tão radical que só mesmo na poesia pode ter lugar: "vista do quarto/ de tanta pedra/ quase me quartzo".

Embora seja possível apresentar muitos outros exemplos da expertise gráfica de Guilherme Mansur, tomo outro rumo e abordo rapidamente um tópico que tem sido negligenciado nas análises da obra dele: sua competência para lidar, de forma igualmente consciente, com a dimensão acústica da palavra. Quer em textos diminutos como os haikais de seu livro mais recente, *Bahia Baleia* ("ondas da Bahia/ uma baleia salta/ sambaleia"), quer em poemas mais longos (como este, do livro *Os sete fôlegos*, de 1992: "uma/ mosca pousa/ no almoço/ e o gato a traça.// baratontas/ pelos quatrocantos da casa/ e o gato atrás./ aranharames/ descem do teto/ e o gato zás!" etc.), o poeta tem sempre na manga uma inesperada carta verbivocovisual.

Melhor ainda é que tais cartas-livros exalam uma alacridade há muito ausente do, em geral, austero ambiente da poesia brasileira contemporânea. A primeira dessas invenções, a série de poemas *Bananeiravodum*, com projeto gráfico de Nair e Joana de Paula Soares, nem é bem um livro: lançada em 2006, na forma de um calendário, apresenta uma coleção de neologismos criados por Guilherme a partir da leitura de *A língua mina-jeje do Brasil*, importante estudo de Yeda Pessoa de Castro (Fundação João Pinheiro, 2002). A estrutura é simples e funcional: ao lado do novo vocábulo criado, GM dá o que seria sua tradução. Ambos os textos se distribuem no espaço disputado/tensionado, ainda, por um detalhe fotográfico. Assim, a palavra "darruMomogongomarmelada" é "explicada" por uma frase que preserva, em português-brasileiro as nuances rítmicas do "texto-tambor" inventado pelo poeta: "ataque de atabaque e tambor feito de lata de marmelada durante o carnaval". O mesmo se dá com as demais peças, igualmente saborosas, que mostram que o "braço" de Mansur, além de enxergar muito bem, também sabe fazer a palavra soar.

Essa estrutura verbivocovisual reaparecerá no livro *Bandeiras – Territórios imaginários*, de 2008, composto por trabalhos apresentados na exposição homônima (Ouro Preto, 2006). As bandeiras de Guilherme, dispostas do lado direito, enquanto título e legenda situam-se no canto superior da página oposta, subvertem a geopolítica mundial, com suas impossíveis fusões: "Jali" – "(Japão + Mali). Saarar o império do sol nascente ou tuaregues na torre de Tóquio"; "Noruganda" – "(Noruega + Uganda). O sol de Oslo acampa em Campala"; "Frangola" – "(França + Angola). Perfumes e diamantes – ulalá!". Ao fim desse tour por 15 novos *desterritórios*, fica a impressão de que aqui, no Brasil, alguém parece ter tomado para si a tarefa que o I Ching atribuiu ao compositor-poeta John Cage de "continuar o que estava fazendo e espalhar ALEGRIA e revolução".

RICARDO ALEIXO
Poeta e artista visual e sonoro. Autor, entre outros títulos, de *Trívio* e *Máquina Zero,* tem no prelo o livro *Modelos vivos,* produzido com recursos da Bolsa Petrobras Cultural 2007.

Os Bálcãs chegam a Ouro Preto

cruzando a ponte da literatura alemã

Marcelo Backes

Saša Stanišić, escritor nascido em Višegrad, na Bósnia, surgiu como um meteoro no horizonte da literatura alemã. Primeiro romance, prêmios, ovações, tradução em 30 línguas. Tudo absolutamente merecido. O Brasil não podia ficar de fora como acontece tantas vezes, e eu me encarreguei disso, junto com a editora Record. E se o autor chegou também a Ouro Preto, foi graças ao Fórum das Letras. Aliás, se Saša Stanišić causou sensação na cidade, a via foi de mão dupla; ele saiu impressionado. Passeamos um dia inteiro pelo barroco brasileiro, barroco mineiro, pelas ruelas antigas, namoramos prédios, paisagens e pessoas; e eu lhe ensinei in loco a pronunciar a palavra "paralelepípedo". Saša não parou de tirar fotos (a senhora e seu turbante africano no quadro verde e roxo da janela) e ficou encantado quando traduzi o que a bela moça disse, espontânea, ao passar por nós de olhos fixos, na frente da Igreja São Francisco de Assis, certa de que nada entenderíamos: "Agora eu vou rezar um pouco, que pecado!" Minas Gerais estava, no melhor dos sentidos, a nossos pés…

Como o soldado conserta o gramofone, de Saša Stanišić, conta a história da guerra que estilhaçou a antiga Iugoslávia assumindo o ponto de vista de um garoto, Aleksandar Krsmanović, narrador e personagem central do romance. De idade indefinida ("Sopram por aí uma série de hipóteses, entre oito e catorze, conforme for mais conveniente, mas de qualquer modo já velho demais para ser beliscado nas bochechas."), a potência inventiva de Aleksandar é tanta que ele adquire a condição de entidade, representando a infância em seu caráter mais abrangente; e, no caso, a infância lidando com um problema crucial, o da guerra. Aleksandar narra para sobreviver e, em páginas cheias de lirismo e anedota, conta a história de sua vida e do mundo que perdeu.

O "bósnio" Saša Stanišić faz parte de um fenômeno instigante da literatura alemã contemporânea: os escritores nascidos fora da Alemanha que produzem literatura de alta qualidade: Para citar mais dois: o "turco" Feridun Zaimoglu e o "búlgaro" Ilija Trojanow, ainda que também pudessem ser citadas a "húngara" Terézia Mora ou a "croata" Marica Bodrožić. Stanišić é o mais novo entre os conhecidos do fenômeno que, lembremos, acaba de dar mais um Prêmio Nobel à literatura em língua alemã – nos últimos dez anos foram três, com o de Gunter Grass e Elfriede Jelinek – com

Foto de Carol Reis

a “romena” Herta Muller, de uma geração pouco anterior. A mais consagradora das premiações literárias internacionais apenas sanciona de maneira objetiva uma constatação empírica que já vem sendo feita há muito tempo, e que Saša Stanišić decididamente ajuda a comprovar.

Anedótico, pitoresco, agudo na capacidade de percepção, *Como o soldado conserta o gramofone* parece mostrar que a fábula é a única maneira de encarar com eficácia a carranca terrível da guerra. A linguagem do romance é um tanto deslocada poeticamente, e procura expressar em alemão sentimentos e metáforas típicas da Bósnia ou dos Bálcãs, sem tentar nacionalizá-las e adaptá-las à língua em que o romance foi escrito. Apenas assim a linguagem seria capaz de dar conta de um mundo tão colorido, que aliás obrigou o tradutor, encantado com o livro, a gingar com jeito para dar conta do recado e fazer jus também à beleza de Ouro Preto, primeira cidade brasileira em que o livro foi apresentado pelo autor.

O tradutor, aliás, também deixou a cidade impressionado; e já saudoso de voltar…

MARCELO BACKES
é escritor, tradutor e ensaísta, doutor em germanística e romanística pela Universidade de Freiburg, na Alemanha. Autor de *Estilhaços* (2006) e *maisquememória* (2007), entre outras obras.

Retalho Biográfico de *uma mulher que chora com o riso que aprendeu,* Nicolas Guillén

Margarida Paredes

Da mútua posse que liga literatura, memória e esquecimento, dar expressão a sentimentos como o choro e o riso, é a razão da minha escrita. Aprendi a rir-me de mim própria e do mundo em Angola, com os angolanos, no fim do Império colonial quando percebi que o riso era a única estratégia para uma mulher, portuguesa e branca poder sobreviver ao delírio do colonialismo português.

Embalada pelos ideais nacionalistas dos Movimentos de Libertação africanos e pela revolução cultural dos anos setenta fiz uma "exposição de rua" na mágica Baía de Luanda no auge da guerra colonial, onde expus panos pintados, batiques, com homens e mulheres africanos pintados atrás de grades e mortos. O poeta português Herberto Helder, na altura repórter de guerra em Angola, escreveu na revista Notícia, em Outubro de 1971:

> *"Vós sois o sal da terra. Quem é o sal da terra? Por mim acho que são as pessoas mais ou menos (ou até completamente marginais: as que protestam contra, contestam, põem dúvidas sobre, ignoram ou não levam a sério, riem de, gozam com a sociedade onde por acaso se encontram* […] *Pessoalmente deve agradecer àquela rapariga que, com os seus batiques, num Banco em frente de uma baía que, desde a primeira hora me apaixonou, devo, o ter salvo a imagem de uma cidade que já estava a fazer-me náuseas* […] *podemos apostar numa cidade que tem quatro ou cinco objectores. A vitória dos bancos é certa (que dúvida) mas não é tão certa assim no andamento interno de todos"* .

Esta reportagem evitou que a polícia política me mantivesse presa e as palavras do poeta derramadas em cima da minha ousadia, representaram o momento fundacionista do resto da minha vida. Em 1971 tinha dezoito anos, acreditava na liberdade e sonhava com utopias. Em 1973 fui mais longe, *caminhei em direcção ao desconhecido e radical lugar da alteridade,* como diz Leela Gandhi em *Affective Communities* e aderi a um dos Movimentos de Libertação, o MPLA no qual combati. No dia 11 de Novembro de 1975, quando a maior parte da comunidade branca já tinha abandonado Angola, na que ainda hoje é a maior ponte aérea do mundo, eu estava em Luanda, debaixo de fogo, ao lado dos angolanos, a participar na festa da Declaração da Independência de Angola. Ver nascer um país é uma emoção imensa, indescritível. A frase banal – foi o dia mais feliz da minha vida… ilumina o que sinto.

Ter a minha história de vida ligada à História dos angolanos, coloca-me num lugar ambíguo em termos literários mesmo se o meu lugar de enunciação na escrita é Portugal. É essa ambiguidade que ilumina o que escrevo de choro e riso. Choro com o sofrimento, a infelicidade da guerra esse abismo à qual nenhuma palavra escrita dá sentido e rio dessa *parte maldita,* da paixão, a vertigem que liga a vida à morte e faz-nos sentir profundamente vivos… rio tão desenfreadamente e choro tão profundamente que tenho medo de assustar a literatura!

Hoje, vive-se em Portugal um clima de nostalgia colonial que deixa na sombra muitos dos que lutaram contra o colonialismo. A nostalgia convém a todos os que desejam transformar os horrores do passado numa memória embrulhada em esquecimentos, branda e inofensiva. Desde o dia em que adicionei a rebeldia à condição de “mais velha”, envelhecer a dar expressão, através da escrita, ao riso e ao choro, parece-me um destino cheio de poder e sabedoria.

MARGARIDA PAREDES
nasceu em Coimbra no melancólico Penedo da Saudade. Tem o curso de Estudos Africanos da Faculdade de Letras de Lisboa e é investigadora em Antropologia. O seu romance *O Tibete de África* foi editado 2006 em Portugal, pela Âmbar e em 2009 em Angola pela Chá de Caxinde.

BIOGRAFIA

ou quando o indivíduo encontra a história

Mary Del Priore

B*iografia*, palavra dicionarizada em 1721, designa um gênero que tem por objeto a vida dos indivíduos. Antes, as biografias apareciam na forma de "memórias", ou seja, relações escritas nas quais um personagem narrava fatos dos quais foi testemunho. No século XIX, as biografias tiveram importante papel na construção da ideia de "nação", imortalizando heróis e monarcas, ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos feito de ancestrais fundadores, monumentos, tradições populares, etc.

Desde o início do século XX, a biografia vem se associando a outros elementos, numa forma de hibridação com diferentes narrativas. Essa plasticidade do gênero resulta em dois problemas: a dificuldade em defini-la com rigor e sua frágil legitimidade. A vantagem é que essa mesma plasticidade, revela a vitalidade da biografia. Ela se reinventa constantemente, ora subordinando-se ora anexando outros gêneros.

Há mais de vinte anos, historiadores operam um retorno à biografia. Mas a uma biografia concebida de maneira inovadora. A reabilitação da biografia histórica integrou as aquisições da história social e cultural, oferecendo aos diferentes atores históricos uma importância diferenciada, distinta, individual. Mas não se trata mais de fazer, simplesmente a história dos grandes nomes, quase uma vida de santo, sem problemas, nem pecados. Mas de examinar o ator, célebre ou não, como testemunha e revelador de uma época. A biografia não é mais a história de um indivíduo isolado, mas é a história de um momento visto através de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. É o encontro entre sua privada e sua vida pública. E ele não é mais apresentado como herói, mas como uma espécie de receptáculo de correntes de pensamento e de movimentos que a narrativa torna visível.

A biografia histórica desfaz, também, a falsa oposição entre indivíduo e sociedade. O indivíduo não existe só. Ele só existe numa rede de relações diversificadas. Para sua vida convergem fatos e forças sociais assim como suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence. Os destinos individuais estão situados em diversas redes que se cruzam: a casa, a família, o trabalho, o espaço regional, o universo espiritual ou mental de uma época.

Foi preciso esperar os anos 80 para assistir ao fim da rejeição à biografia histórica. Até que enfim, o indivíduo encontrou a história! O fenecimento

Foto de Eduardo Tropia

Da esquerda para a direita: Sergio Vilas-Boas, Mary Del Priore, Aleilton Fonseca e Caio Boschi

das análises marxistas e deterministas que engessaram por décadas a produção historiográfica, permitiu, novamente, dar espaço aos atores e suas contingências. Foi uma verdadeira mudança de paradigmas. A explicação histórica cessava de se interessar às estruturas para centrar suas análises sobre os indivíduos e as paixões, constrangimentos e representações que pesavam sobre suas condutas. O historiador passou a focar naquilo que o condicionava a fim de fazer reviver um mundo longínquo. Esta história, "vista de baixo", dava as costas à história dos "grandes homens", motores das decisões analisadas de acordo com suas consequências.

E quanto à escrita das biografias? Graças ao gênero, o historiador se tornou um escritor que se dirige a um público que aguarda uma narrativa de acontecimentos encadeados e uma intriga codificada por fatos interpretados. A quanto à estrutura da biografia histórica, ela se distingue daquela do romance por uma característica essencial: os eventos contados pela narrativa são impostos por documentos e não nascidos da imaginação. E vale lembrar que história não é retorno, nem fotografia, nem lembrança vivida, nem análise química, mas narrativa. Isto posto, a biografia histórica é também relato. E relatar é colocar "em relação" a inevitável separação de gerações que o tempo impõe. É fazer a ponte entre vivos e mortos.

Não é à toa que as biografias estejam fazendo sucesso. Vivemos uma época em que as pessoas mais buscam o sentido de suas vidas, do que o sentido do mundo. Um tempo de cuja fragmentação fugimos. Sim, porque o indivíduo contemporâneo foi descrito com vários rostos: o do hedonista que se compraz na auto-celebração, no do indivíduo em busca de questões identitárias e no do sujeito "em pedaços". Qual das imagens lhe fica melhor? Sabemos que nenhuma fórmula pode resumir sozinha uma época. Mas a biografia nos ajuda a pensar o indivíduo como uma construção social, em permanente dialética entre o Eu e os Outros. Ela nos estende um espelho onde não vemos só o singular. Mas, o plural, ajudando-nos a renovar laços com uma identidade diluída e prometida ao vazio. O encontro entre as trajetórias pessoais e as transformações sociais, não é apenas uma equação de sucesso como se pode ver pelo impacto das biografias nas livrarias e meios de comunicação. Mas o signo revelador de um desejo legítimo em nossas sociedades, produtoras de anonimato: o de inauguração de uma paisagem histórica que permita a cada um, aceder à própria história.

MARY DEL PRIORE
é historiadora e autora das biografias de Pedro Augusto de Saxe e Coburgo Bragança, finalista do prêmio Portugal–Telecom e vencedor do prêmio APCA, da Condessa de Barral, paixão do Imperador D. Pedro II e de Dilermando de Assis, que matou Euclides da Cunha.

O HOMEM QUE VIVE

Teixeira Coelho

No dia em que retornou a São Paulo depois de 12 anos para enfim rever seu Anjo, seu Anjo, seu mais profundo Anjo, seu anjo que aceitara e rejeitara, havia começado a nevar na cidade pela primeira vez na vida, na vida dele e, pensou, na vida da cidade. A cidade amanhecera esbranquiçada pela neve fina e leve que foi se adensando aos poucos. Foi o que lhe disse o motorista do taxi ao saírem do aeroporto, acrescentando que não sabia como estaria o trânsito até a cidade, o rádio previa uma circulação ainda mais calamitosa que a de sempre. A medida em que chegavam mais perto da cidade, em vez de ficar mais rala a neve mostrava-se mais densa e mais branca, até que, entrando no centro mesmo, estava tudo coberto por uma manta branca. Os carros se moviam devagar, os motoristas não sabiam como dirigir na neve mas todo mundo parecia sentir que devia *levar vida normal*, como dizem os médicos, levar vida normal (*Leve vida normal*, dizem os médicos) e os pneus esmagando os flocos de neve geravam um crunch crunch que pontuava o silêncio que caíra sobre a cidade. Quando o taxi emergiu na Avenida Paulista, estava tudo coberto de branco, o asfalto mostrava trilhas em cada uma das pistas pelas quais os carros preferiam transitar mas o restante estava todo coberto de branco, as calçadas, as marquises dos prédios, as coberturas das entradas de metrô, as árvores do Parque Trianon, o museu, uma neve ainda pouco espessa mas certamente neve, não geada nem neblina, neve.

O porteiro do hotel, quando ele parou para olhar para atrás antes de entrar, disse que já havia visto neve na cidade uma vez, quando criança, *há muito tempo atrás*, ele disse, uma manhã quando despertara e vira tudo coberto de branco como naquele dia. Buel nunca vira neve em São Paulo, nunca ouvira falar de neve em São Paulo (ou talvez sim, uma vez, da avó? Ou da mãe?) e o que o porteiro lhe dizia não o reconfortava nem o incomodava ainda mais. O porteiro não se comportava como se estivesse diante de um fato estranho, para ele era natural que nevasse de novo na cidade, bem ao contrário da sensação que tomava conta de Buel naquele momento. Tudo branco e o céu cinza escuro até onde podia enxergar, o que não era muito. E muita gente na rua, muita gente brincando na rua, o que deixou Buel ainda mais incomodado. Deixou as malas na recepção do hotel, sem subir para o quarto como havia planejado (em seguida chamar o Anjo, se o telefone fosse o mesmo), e voltou a sair à rua: neve nos dois lados, à direita e à esquerda, e mais neve caindo do céu, lentamente. Não estava *tudo coberto de neve* mas certamente *tudo* estaria recoberto de neve em pouco. Não sabia se aquilo era um bom sinal ou um mau sinal para seu reencontro com o Anjo, com seu Anjo, se é que poderia encontrá-la. Ela não sabia que ele voltara, não sabia que estava ali para procurá-la depois de 12 anos, provavelmente nem pensava mais nele, nem se lembrava que um dia ele existira em sua vida. Saindo na calçada, Buel deu-se conta de que deveria estar se sentindo bem mais desconfortável com aquela neve do que estava, deu-se conta de que deveria estar se sentido *francamente aterrorizado* com aquela neve e que aquela neve era a pior maneira que a cidade encontrara para recebê-lo (ou que o Anjo encontrara para recebê-lo; seria um sinal?) depois de tanto tempo e de tanto ódio que sentira por ela, por essa cidade mesma. Mas não era assim que se sentia, assustado, atemorizado. Não se sentia deslumbrado tampouco. Sentia-se coberto de neve, e a neve já lhe entrara na alma. Mesmo naquele instante de indecisão, Buel entendeu que tudo entrava no quadro de uma nova normalidade cuja lógica lhe seria difícil discutir. Os espíritos do sonho e do amor, Buel se lembrou. Não, não era que se lembrava: pensara mais uma vez nessa ideia, pensara nessa ideia ainda no avião, lendo o livro, nos espíritos do sonho e do amor que no entanto se transformam em demônios, ou anjos mal caídos, como diziam os textos dos teólogos. (Não “no entanto”, não é que os anjos *no entanto* sem transformam em anjos caídos: os anjos se transformam em anjos caídos, ponto.) Mas não era seu anjo, Valéria, que caíra. Era ele quem caíra. Era mesmo ele quem caíra? *Alguém* havia caído? Meu Anjo. Que tolice voltar atrás para encontrar-se com seu Anjo. E toda aquela neve que parecia parecer, para todo mundo à sua volta, *a coisa mais normal do mundo.*

TEIXEIRA COELHO
Professor titular da Universidade de São Paulo, aposentado. É curador-coordenador do Museu de Arte de São Paulo – MASP. Autor de mais de 30 livros sobre cultura e arte, também escreveu a ficção *História Natural da Ditadura* (Iluminuras, 2006).

Uma página de Dickens antes de dormir

Alvaro Costa e Silva

O tema era dureza – ou "doído", como dizem os mineiros: o desafio de idealizar e executar um caderno de cultura. Mas lá estávamos, firmes e fortes, eu, o jornalista Fabrício Marques e o escritor Jaime Prado Gouvêa naquela segunda, às nove e meia da manhã, em pleno Dia de Finados. Temi que as cadeiras do belo Teatro Casa da Ópera, no Centro de Ouro Preto, estivessem vazias ou, na melhor das hipóteses, ocupadas por almas penadas. Ledo ivo engano. Como em todas as mesas do 5º Fórum de Letras realizado na cidade, a plateia, além de numerosa e jovem, mostrava-se atenta e impaciente pelo início do debate.

Como não possuo a admirável tarimba do Jaime – capaz de falar em público, sobre qualquer assunto, pelo tempo que bem quiser, sempre com propriedade e graça; quem esteve na Casa da Ópera pode prestar testemunho dessa facunda qualidade – pensei em começar a minha peroração com um chiste. E dizer que a maior dificuldade de idealizar e executar um suplemento literário – no meu caso, o *Ideias&Livros*, um garotão de 22 anos – é o fato de ele continuar existindo nesses tempos digitais, em que cassandras e coveiros dão uma vida ao papel de, no máximo, mais 20 anos.

Na verdade, a situação atual é bem outra. A maior dificuldade é dar conta de tantos livros – por enquanto, ainda em papel – que chegam à redação, numa média de 10 volumes por dia, número que pode dobrar nas altas temporadas de bienais e festas de fim do ano. Editores e livreiros continuam a reclamar das vendas; leitores, por sua vez, do alto preço do livro; estão no papel deles. Mas é inegável que o mercado editorial vive um bom momento no país, o qual transparece na maior valorização do autor, com prêmios polpudos e exposição em bienais, feiras e festivais. O escritor brasileiro está cada vez mais profissional. No bom sentido.

Com mancheias de títulos a meu dispor, o desafio é saber o que fazer com eles. Dar a capa para qual livro? Este autor vale uma entrevista pingue-pongue? Ou seria melhor uma reportagem sobre a obra? Passo este romance para o resenhista X ou Y? Quem sabe o Wilson Martins ou o Felipe Fortuna, colunistas do caderno, não se interessam em escrever sobre este ensaio? Esta reunião de contos vale uma estante de lançamentos. Esta outra, de crônicas, nem isso, infelizmente. Ih, fulano vai encher o saco, pedindo que um amigo dele escreva a respeito da coletânea de poemas que ele acaba de lançar. Se ligar, diga que fui fumar um cigarro lá fora.

Claro que, como tudo na vida, há forças que se impõem. Livros sobre os quais não podemos deixar de falar – exemplo: qualquer um do chileno Roberto Bolaño –; assuntos que estão pulando na nossa cara – o e-book é um deles. No meu caso, funciona o feeling, e alguma conversa com pessoas que entendem do riscado mais do que eu. Mas, principalmente, tenho liberdade. No fundo, não aceito a obrigação da atualidade nem a ditadura do furo no jornalismo cultural. A arte não pode ser um pretexto para que os meios possam impor fenômenos ou tendências, tratem de bruxinhos, punheteiros de Cabul ou vampiros adolescentes. Acho que o leitor é inteligente, e é para ele que fazemos o Ideias.

Na Casa da Ópera, deixei de falar uma coisa, que pode interessar em geral aos estudantes. É o seguinte: se você gosta de livros, não vá trabalhar num suplemento literário. Porque, a partir daí, você não vai mais conseguir ler "por prazer". A não ser que seja maluco como eu, e, antes de dormir, não dispense uma página de Dickens.

ÁLVARO COSTA E SILVA
Nasceu em 1962, no Rio de Janeiro. Jornalista, é editor chefe do caderno *Ideias&Livros,* do *Jornal do Brasil.*

O mal-estar da civilização (em suma)

Sergio Vilas-Boas

O PASSADO NUNCA foi melhor que o meu presente. O meu presente é o melhor presente, e nenhuma nostalgia me orienta. Mas aprecio encarar o que se passou comigo, ou com outros na mesma situação.

Recordo-me com prazer das narrativas pessoais de gigantes como George Orwell em *Homenagem à Catalunha;* Gabriel García Márquez em *Viver para contar;* Jorge Luis Borges em *Um ensaio autobiográfico;* Graciliano Ramos em *Memórias do cárcere;* Ryszard Kapuscinski em *Ébano.*

Mas também textos mais focais como *Da mão para a boca* e *A invenção da solidão,* de Paul Auster; *Juventude,* de J.M.Coetzee; *O filho eterno,* de Cristovão Tezza; *O ano do pensamento mágico,* de Joan Didion; *Patrimônio,* de Philip Roth; e *Antes do fim,* de Ernesto Sabato.

Sabato, naquele livro, pergunta-se: “A epifanias de que enigmáticos Deuses meu destino me conduzia? Por que, aos trinta anos, quando a ciência me assegurava um futuro tranquilo e respeitável, abandonei tudo em troca de um ermo escuro e frio? Não sei.”

Se não existissem a solidão, a dificuldade do amor e a morte, a dúvida e o desespero, a literatura não existiria. A formação ideal para um escritor está em sua própria vida. Mas o autobiografismo declarado possui outras motivações: a vaidade, o anseio de produzir algo estético, a vontade de alcançar uma comunhão com outros humanos. No caso de escritores, há ainda a compulsão de conferir um sentido à carreira literária ou à obra.

Cabe perguntar, porém, se os dramas dos (sobre) escritores têm interesse geral ou se atraem somente uma minoria de subescritores interessados nos percalços e glórias de seus pares famosos. Talvez a única maneira de exorcizarmos nossos demônios seja pela escrita, realimentando, assim, a obscuridade. A teimosia se alimenta da teimosia, como a violência se alimenta de violência.

Foto de Carol Reis

Escritores são frágeis construtores de fragilidades; antes de haver a obra, seus projetos de obras, se pré-analisados com uma lupa, são ocos como um balão. Se você, enquanto escreve, fica tentando imaginar no que resultará o seu labor, então o melhor é você pular fora do barco. Apenas criaturas obsessivas e com egos superestimados têm chances de sobreviver ao naufrágio.

Traído pelo desejo de tentar entender por que aquela coisa não-literária me pegou dez anos atrás, volto a pesquisá-la. É raro encontrar boa literatura vivencial, não técnica, sobre ela. Compro *Perto das trevas*, de William Styron, relato também autobiográfico no qual o autor de *A escolha do Sofia* teria descrito (assim supus) seu "mergulho involuntário no abismo".

O exemplar usado chega até mim pelo correio. Irrito-me ao ver anotações feitas a caneta. Penso em devolvê-lo ao sebo virtual com uma carta desaforada em anexo. Mas mudo de ideia ao ver comentários às margens feitos por um leitor que experimentou o mesmo mal; alguém cujo nome ou pseudônimo talvez seja Jonas Queiroz: jovem, culto, bem-humorado e morador do Pari, ao que parece.

"Eu tinha chegado àquela fase na qual *desaparece toda e qualquer esperança**, bem como toda a ideia de futuro. Meu cérebro escravo dos hormônios estranhos era menos um órgão de pensamento do que um instrumento que registrava, minuto a minuto, os vários graus do próprio sofrimento." Ao que o leitor do Pari anotou: *Minha tristeza, eu não a conseguiria escondê-la, mesmo se tentasse.*

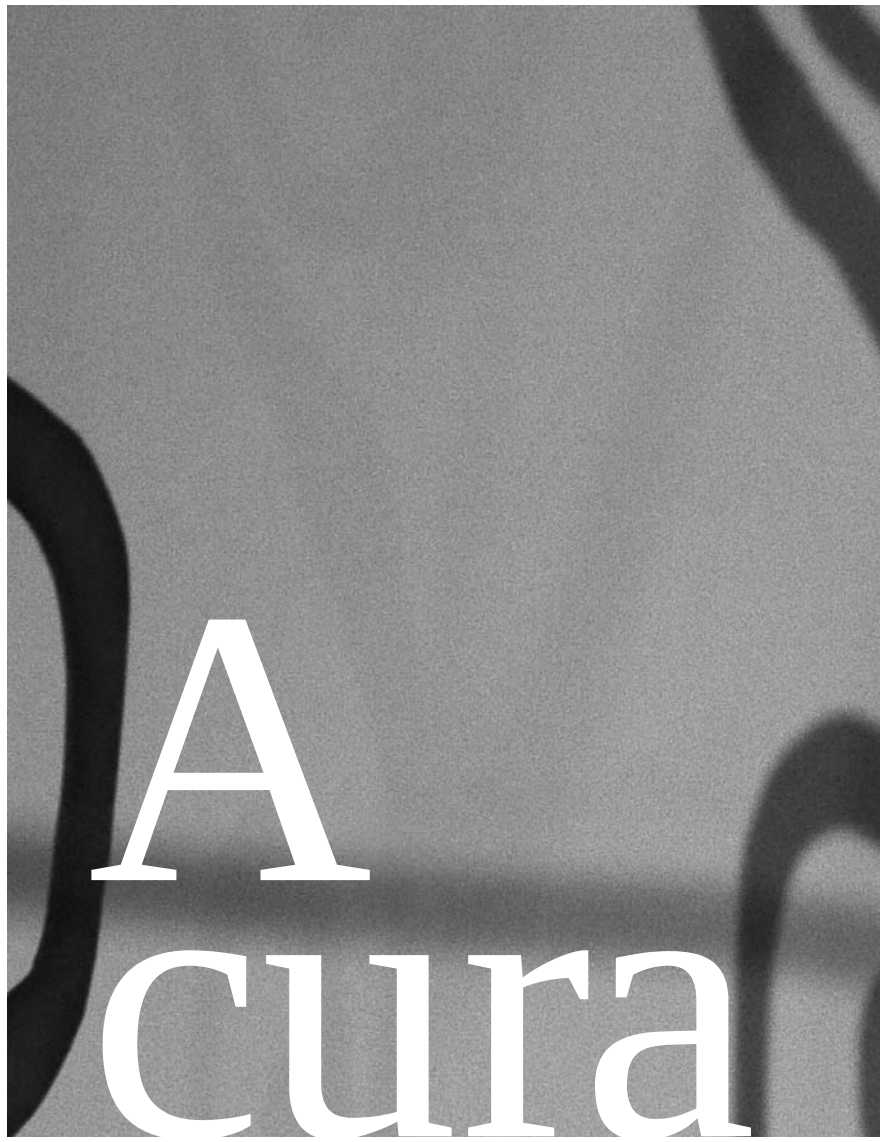
Jonas devorou *Perto das trevas.* Estudou-o a fundo. Às menções de Styron a famosos que afundaram em dúvidas quanto às naturezas de seus próprios atos (Albert Camus, Primo Levi, Romain Gary, Vincent Van Gogh, Virginia Woolf, Cesare Pavese, Sylvia Plath, Jack London, Ernest Hemingway, Mark Rothko, Paul Celan, Vladimir Maiakovski, Ingmar Bergman…), Jonas acrescentou às margens Pedro Nava, Ana Cristina César, Julio Ribeiro, Kurt Kobain. Seus grifos não comentados também são certeiros: sensação de odiar a si mesmo; ausência de auto-estima; confusão, falta de foco mental e lapsos de memória; perda do amor-próprio; medo terrível de ser abandonado ou de ficar sozinho em casa; letargia etc. etc.

Este exemplar de *Perto das trevas* digerido por Jonas alterou os meus planos. Styron não vai fundo nas causas, embora fale de seu padecimento com franqueza e honestidade. Fornece poucos detalhes sobre suas próprias vivências, embora condense inúmeras descrições gerais. Mas, afinal, como estava a vida de Styron no momento em que a coisa o pegou? Ele não diz. E foi precisamente esta "lacuna" que me encheu de motivação. Hoje sei muito bem como estava a minha vida quando fui pego: melhor ela não podia estar.

*A última frase deste "miniconto" abre o romance *A impressão de voar,* inédito.

SERGIO VILAS-BOAS
é professor de Jornalismo Literário com doutorado em narrativas biográficas. Publicou *Biografismo* (2008), *Perfis* (2003) e *Biografias & Biógrafos* (2002). Prêmio Jabuti 1998 com *Os estrangeiros do trem N.* Diretor da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) e editor da revista eletrônica *TextoVivo – Narrativas da Vida Real.*

Foto de Carol Reis



A cura que ado ece

José Castello

Estive em Ouro Preto para o Fórum de Letras, da incansável Guiomar de Grammont. Cheguei no início da noite. Caía uma tempestade, e sem ânimo para sair do quarto, me deitei.

Antes de pegar no sono, retomei a leitura das *Cartas escolhidas*, de Michelangelo Buonarroti (Editora Unicamp/Editora Unicfest, prefácio, seleção, tradução e notas de Maria Berbara). Dormi agarrado ao livro.

Sonhei, então, que estava em Ouro Preto não para participar do Forum, mas para visitar meu avô materno, José Pedro – que, na verdade, não cheguei a conhecer. Encontro-o em sua cama, magro e ofegante. Assustado, peço que chamem seu médico.

Abro a porta, é o médico. Na verdade, é Gabriel García Marquez, que veste um jaleco branco e empunha uma maleta de couro. Não ouso admitir que o reconheço. Nervoso, cumprimento-o e o conduzo ao quarto de meu avô.

Por que adotou a nova profissão? O que o levou a se mudar secretamente para Ouro Preto? A agonia de meu avô, porém, não permite que eu me detenha nessas divagações.

O doutor Marquez examina seu doente. Não gosta do que vê. Pede, então, uma cadeira e se senta a seu lado. Da maleta de médico, tira um livro. Abre-o e lê em voz alta um poema.

Não consigo recordar os versos. Sei que são do próprio García Marquez. Enquanto escuta o poema, meu avô abre os olhos, a face se aviva, a respiração desacelera. Nos últimos versos, já está sentado.

Aliviado, acompanho o doutor Marquez até a saída. "É espantoso que um poema possa curar", eu lhe digo. Gabriel García Marquez se vira e, com os olhos tristes, me diz: "A literatura cura quem lê. Mas ela adoece quem escreve". Suspira e prossegue: "Veja como estou – e ninguém pode fazer nada por mim".

Noto então que o escritor empalideceu, está trêmulo, que suas mãos vacilam. A dor do leitor (meu avô) agora é sua dor. Amparo-o até seu carro. Fecho a porta. Acordo.

Na manhã seguinte, o sonho com García Marquez me ajuda a ler a correspondência de Michelangelo. As 72 cartas selecionadas por Maria Berbara têm sua súmula em carta que ele enviou a Niccolò Martelli, em 1542. Diz Michelangelo: "Vejo que me imaginaste como o que Deus gostaria que eu fosse. Sou um pobre homem de pouco valor".

Modéstia? É bem mais que isso. Imitando o doutor Marquez, Michelangelo tinha consciência de que, diante da obra, o artista não passa de uma formiga. Alguém esmagado por sua própria grandeza, e que sofre do que faz.

Não existem palavras para explicar essa experiência e as cartas de Michelangelo – práticas, objetivas, frias – refletem essa consciência. Em uma delas, a Tommaso Cavalieri, ele admite: "Nada mais tenho a dizer. Lede o coração, e não a carta, *pois a pluma é incapaz de alcançar o afeto*". Cita um verso de Petrarca; só a poesia (como em meu sonho) consegue dizer o indizível.

Com problemas de dinheiro, Michelangelo se lamenta com um prelado anônimo, que alguns identificam como Marco Vigerio, o bispo de Sinigaglia. O religioso procura acalmá-lo, sugerindo que se concentre em sua pintura. Michelangelo é áspero: "Respondo que se pinta com o cérebro e não com as mãos".

Pinta-se (cria-se) com a mente – e as chaves da mente, muitas vezes, se guardam em zonas inacessíveis. Também a escrita – não falo das palavras pragmáticas dos

burocratas, dos representantes comerciais e dos homens “cheios de si” – não se deixa normalizar.

Michelangelo acata a sugestão inútil do monsenhor, que fala em nome do Papa. Mas adverte: “Não posso negar nada ao Papa; pintarei tristemente, e produzirei obras tristes”.

Sobre o mesmo tema, em carta a Tommaso Cavalieri, ele resume: “Farei do coração rocha, e avançarei”. Tem consciência de que o caminho da arte (como sugere o doutor Marquez) o adoece. Terá de suportar.

Suas obras, até hoje, espantam e maravilham. Elas nos curam da dor de existir. Pagou, porém, um alto preço. Ao cardeal Bernardo Dovizi, confessa: “Rogo, não como amigo ou servo, mas como um homem vil, pobre e louco”.

Em outra carta, ao pintor Sebastiano Veneziano, Michelangelo fala de um jantar que lhe pareceu muito agradável, “pois abandonei um pouco a minha melancolia, ou, melhor dito, a minha loucura”. Sua arte, que nos consola e encoraja, o corrói.

Para fugir de si, ele se detém em problemas práticos, como a falta de dinheiro, as dificuldades políticas, a longa espera pelos mecenas, a inveja dos concorrentes, como Rafael. Contudo, aqui e ali, deixa sempre escapar algo de seu sofrimento.

Ao pai, Lodovico, logo depois de terminar a capela Sistina, ele diz: “O Papa ficou muito satisfeito, mas outras coisas não saíram como eu esperava; a isso culpo os correntes tempos, que são muito contrários à nossa arte”.

Numa última, e furiosa, carta ao pai, com quem rompeu relações no ano de 1523, depois de brigar com a madrasta, Lucrezia, Michelangelo vocifera: “Cuidai-vos, e tende cuidado com que vos cuida, pois só se morre uma vez, e não se retornar para consertas as coisas mal feitas”.

Amparado pelas palavras de Michelangelo, retorno ao presente. Nossos tempos parecem favoráveis aos artistas (e aos escritores), que se tornaram celebridades e pontificam em festas, palcos e seminários. Isso é uma ilusão. Sempre me incomoda quando se rouba do artista – em nome do sucesso, do prestígio, da “assinatura” – um pedaço de sua dor.

Não que o artista tenha de sofrer, ou esteja condenado à crueldade. Ocorre que a arte é um trabalho como qualquer outro, e por isso cobra seu preço e exige sacrifícios.

As cartas de Michelangelo derrubam o mito contemporâneo de que o artista é um astro sobre-humano, que leva uma existência glamourosa e fútil. Sem suor, sem feridas, sem desgaste, nada se faz. É o que o doutor García Marquez comunica em meu sonho: pode ser belo, mas não é fácil.

Devemos respeitar essa dor – que é mais preciosa que as luzes do sucesso e as pompas da consagração. As modas, as feiras e os circuitos comerciais que fiquem com seu fantasma inexistente. O artista – como Marquez e Michelangelo –, sempre intransigente, se manterá aferrado a sua dor.

JOSÉ CASTELLO
É escritor e crítico literário. Este texto foi publicado, originariamente, no suplemento *Prosa & Verso* do jornal *O Globo,* por ocasião de sua participação no Fórum das Letras de Ouro Preto 2009.

Cidade Livre

João Almino

Levava meu fiel cachorro vira-latas Tufão – branco com manchas pretas e alegria da meninada – pelas avenidas de chão batido, enlameadas pelas chuvas, ouvindo a música dura e ritmada dos geradores, que garantiam a iluminação enquanto as obras da Usina Hidroelétrica de Saia Velha não fossem concluídas. Aqui um gerador potente, ali outro fraco, mais adiante uma casa iluminada com lamparina, outra com lâmpada de gás e assim as cores das luzes pintavam as sombras ora de azuis, ora de diferentes tons de amarelo, branco ou cinza.

Sobretudo nos primeiros anos, como havia poucos prédios e, portanto, poucas luzes, que somente se iluminavam com os geradores durante algumas horas, em geral os donos desligando-os antes das dez da noite, e como nem todos os prédios possuíam gerador, o céu era um chão de estrelas quando chegava a lua nova. Não aponte com o dedo que pode criar verrugas, avisava tia Francisca e então me mostrava as Três Marias e o Cruzeiro do Sul.

Lembro-me das vezes em que caminhava pelas avenidas tarde da noite, quando a Cidade Livre deixava de dormir, ficando suas lojas abertas para fornecer mercadorias de madrugada à medida que Brasília era construída em ritmo frenético, e eu presenciava, então, tocadores de viola ou batucadas nos bares ou ainda serenatas em frente às casas em noite de luar.

Às vezes Tufão traçava o caminho, e eu seguia-o pela feira e avenidas, ouvindo pelos alto-falantes os anúncios de filmes e de oportunidades de trabalho, baiões, xaxados e sermões. Quando novinho, Tufão gostava de visitar o sapateiro, Seu Albuquerque de Pinho, porque farejava a sola, a cola, a tinta e a graxa, e bem mais tarde, no início de 1959, invariavelmente queria entrar no Açougue Progresso, do Seu George Reisman, ou no Açougue do Bom Jesus para tentar roubar algum pedaço de carne.

A maior atração da cidade, motivo de orgulho para mim, era sua feição de faroeste, uma cidade de cinema americano, que, como dizia papai, inexistia em outros recantos do Brasil. Como era para ser provisória e seria destruída quando Brasília fosse inaugurada, todas as casas e barracos, em geral cobertos com telhas de amianto, zinco, chapas de alumínio ou com palha, tinham de ser de madeira. Por isso os incêndios, que se alastravam rapidamente e que eu presenciava também no campo, onde todos os anos, e de veneta, a vegetação pegava fogo e depois brotava envergonhada, com medo de crescer.

Ainda em 1957 papai me matriculou numa turma de trinta e três alunos no Instituto Batista, um prédio com tábuas de madeira laterais, telhado de duas quedas e uma única sala de aula, a primeira escola particular da Cidade Livre, mas logo me transferiu para uma escola pública e muito maior, o Grupo Escolar Número Um, ou GE-1, no núcleo habitacional e administrativo que, por ter sido a primeira localização da Novacap, veio a ser chamado de Velhacap, onde também se localizavam o restaurante do SAPS, do qual tia Francisca passou a ser fornecedora, e o presídio da GP, Guarda Policial da Novacap, depois GEB, a temida Guarda Especial de Brasília, que, segundo uma das versões, podia ter sido a responsável pela morte de Valdivino, se era que de fato Valdivino estava morto.

Eu acordava às seis e meia da manhã para ir à escola, levava comigo meu sono e ignorância e, quando não era despertado pelas estripulias que fabricávamos, fazendo voar aviões de papel, passando desenhos e bilhetinhos de um a outro, chegava a dormir sobre a carteira do fundo da sala, até voltar às duas horas para casa.

O leitor do blog que protestou contra este novo parágrafo notará que fiz a maior parte da revisão por ele recomendada. Concordo que não preciso entrar em detalhes sobre minha imaginação infantil quando se tratava do sexo feminino, sobretudo se não consigo exprimi-la com delicadeza. Deixo, contudo, a observação básica: como nos acampamentos da Velhacap havia mais famílias, eu via mais mulheres e meninas na rua do que na Cidade Livre. Por causa da menina de tranças pretas que passava numa bicicleta de homem, desenvolvi meu sonho de possuir uma bicicleta. Se pedalasse ao lado dela na Avenida Central da Cidade Livre, ela me olharia com seus olhos negros e sorriria para mim, eu a abraçaria, tão linda que ela era, seria minha primeira namorada. Pedi, então, uma bicicleta de presente a papai; viria sozinho à escola de bicicleta e encontraria a menina de tranças, tinha ouvido falar que as mulheres gozavam roçando seus prazeres nas selas das bicicletas, e eu estaria ao lado dela, pedalando, pedalando, ela sorriria novamente para mim, desceríamos de nossas bicicletas e nos beijaríamos apaixonadamente como nos filmes que tia Francisca me proibia de ver.

JOÃO ALMINO
Escritor e diplomata, nasceu em Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 1950. Autor de diversos livros, dentre os quais o *Quarteto de Brasília,* composto pelos romances *Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo, Samba-Enredo, As Cinco Estações do Amor* e *O Livro das Emoções.* Este texto é um fragmento de *Cidade livre,* que está sendo lançado este mês, por ocasião dos 50 anos de Brasília.

EL LARGO DA CARIOCA

Jorge Díaz

Visité otras zonas, pero la que más me gustaba era el centro. El centro de Río de Janeiro estaba siempre lleno de gente. En el largo da Carioca había más gente a cualquier hora que en mi pueblo un día de fiesta: personas vendiendo y comprando, mendigos, ladrones, hombres y mujeres que lo atravesaban sin parar, por allí pasaban también los tranvías y los autobuses. Me llamaban la atención los niños y los locos. Los niños corrían descalzos, de un lado para otro, mal vestidos, siempre buscando algo para comer. Lo pedían o lo robaban, normalmente lo robaban. Ya entonces, Río de Janeiro era una ciudad llena de niños que se buscaban la vida en la calle. Cuando no estaban intentando robar algo, se reían del profeta.

El profeta era otro de los personajes de la plaza, pertenecía a la categoría de los locos. Alto, a mí casi me sacaba la cabeza, con el pelo largo y gris, vestido con una túnica que algún día debió ser blanca llena de remiendos. Cuando predicaba, los ojos se le llenaban de sangre y pegaba unos gritos tremendos.

— Orad, hermanos, pedid perdón por vuestros pecados, porque Jesucristo volverá. Y volverá a la ciudad del pecado, a la ciudad que él escogió como la más bella del mundo, a Río de Janeiro. Ciudad de ladrones, de corruptos, de sodomitas, de prostitutas…

Y seguía durante horas, diciendo que la ciudad era la elegida, aun por encima de Roma, pero que en lugar de consagrarse a Dios, se entregó al demonio. Hablaba de los pecados del carnaval como momento culminante de la obra del anticristo. Los primeros días no entendía casi nada, pero pronto fui enterándome de lo que decía. El profeta me sirvió para practicar el portugués.

La gente se paraba a escucharle unos minutos, después seguía andando. Sólo permanecíamos más tiempo los niños y yo. Un día, cuando ya le entendía casi todo, el profeta se me quedó mirando fijamente a los ojos y vino hacia mí.

— Y por si fueran pocas las desgracias de Río, tú has venido a llenar esta ciudad de más sangre. Río de Janeiro será la cuna del anticristo…

¿Por qué decía lo de la sangre? ¿Sabía que yo había matado a Mariano? Pero igual que se fijó en mí, me olvidó y siguió con su discurso habitual.

Una tarde le vi rechazar una limosna de cincuenta cruzeiros. Entre los billetes de un cruzeiro y las monedas de céntimos, un hombre le dejó un billete de cincuenta. El profeta le gritó que se llevara aquello, que él aceptaba la limosna de los que le querían ayudar, no de los que querían satisfacer su vanidad. Se exaltó tanto que el hombre tuvo que recoger su dinero.

Había más locos, pero ninguno tan estremecedor como aquel al que yo consideraba el auténtico.

JORGE DÍAZ
Nascido em 1962, é jornalista, roteirista e novelista espanhol. É considerado um dos melhores roteiristas da televisão europeia na atualidade. Este texto é um fragmento de *Los números del elefante* (Editorial Planeta, 2009), seu romance de estreia.

O centésimo

O imperador morrerá e Roma estremece. Aos treze anos, o escravo Epictetus é adulto o suficiente para se angustiar com o drama encenado ante seus olhos. Os atores, no entanto, parecem pouco dignos de seus papéis. Nero, o *princeps* amarfanhado e sujo, com bochechas de bebê e ventre de glutão, espreme seus míopes olhos azuis para examinar a lâmina de um belo punhal, como se tentasse entender como funciona aquela arma tão simples. Phaon, o escravo liberto que ainda não teve tempo de enriquecer o tanto que gostaria, choraminga num canto, talvez a lamentar-se mais pelas oportunidades perdidas que pela morte iminente de seu patrono. Sporus, o belo jovem castrado a quem Nero dedicou tantas atenções, apruma-se em suas vestes de grande dama; dispõe-se a perder tudo, menos a elegância. Por fim, Epafródito, com seu rosto lenhoso, manteria as mesmas feições e o mesmo tom de voz numa festa de casamento, no funeral da própria mãe ou no naufrágio de um navio.

— Mestre – Epictetus dirige-se a Epafródito –, vamos morrer?

À guisa de resposta, Epafródito dá um bofetão no rosto do jovem escravo.

— Desperdicei meu dinheiro comprando livros para você? – diz Epafródito, no habitual falar monocórdio, enquanto Epictetus esfrega a face dolorida. — Não frutificaram em sua cabeça os ensinamentos de Zenão, de Crisipo, de Cleanto? Claro que vamos morrer. Tudo que é vivo, morre. – Ele se inclina um pouco em direção ao escravo, num gesto quase paternal: — Mas, com um pouco de sorte, nem todos dentre nós morrerão hoje.

Homens se aproximam a cavalo. De dentro da casa, já é possível ouvir o tropel.

— Amigos! – Nero berra em direção ao teto, assustando seus acólitos.

— Amigos! – ele repete, estufa o peito e, com voz de palco, recita:

— "Dignos comandantes, príncipes dos argivos,
Quiçá deliro ou será verdade o que digo?
Um célere galope aturde-me os ouvidos".

— Pobrezinho. Enlouqueceu de vez – Sporus lamenta.

— A "Ilíada" – Epafródito esclarece. – Ele cita a "Ilíada".

— Canto décimo – Epictetus acrescenta, para provar que, afinal, está em dia com os estudos.

— Numa péssima tradução – Phaon não se furta a comentar.

Depois de um esgar de desdém aos comentários, Nero prossegue:

— "Odisseu e o intimorato Diomedes
Trouxeram cavalos do terreno inimigo
Ou, temo dizer, nossos varões mais valentes
Ante Troia sofreram sérios reveses?"

Sustando o fôlego, e ainda com o punhal na mão direita, Nero abre os braços, como se esperasse aplausos. Não os recebe. Amuado, ele bufa e vai sentar-se na beira do catre pulguento onde passou a pior noite de sua vida.

— Homero foi um andarilho cego – ele diz. — Lucrécio era um pobre louco; Virgílio, um provinciano falido. Que inveja tenho de cada um deles! Suas vidas mesquinhas serão esquecidas e seus poemas viverão para sempre. E eu, que fui o primeiro e o maior dos romanos? Cada peido que dei em público será comentado pelos historiadores, mas ninguém lembrará dos meus versos.

Nero encara os acólitos. Em todos, vê a aflição de quem tenta sem sucesso pensar numa bela frase para consolá-lo. Alguém golpeia a porta. As madeiras estalam. A tranca se quebra. O sol é o primeiro invasor.

Emoldurado pela luz no retângulo da porta, um centurião avança com o gládio em riste. Parece bom homem, o centurião. Simplório, até. Nero sorri para ele. O centurião se detém: esperava tudo, menos um sorriso.

em Roma

Max Mallman

Nero firma o punhal com as duas mãos e o encosta no pescoço. Ele pode sentir a própria pulsação na ponta do punhal. O centurião grita “Não!”. Nero diz “Tarde demais”. Com toda força que consegue reunir, ele enterra a lâmina até o cabo e tomba no catre, afogado em sangue.

Desiderius Dolens dormiu um par de horas e acordou bem antes do amanhecer para tomar parte nas buscas ao imperador foragido. De volta à *Castra Praetoria*, a primeira coisa que fez foi subornar um cavalariço da guarda pretoriana para conseguir dezesseis das melhores montarias. Assim, no comando de dois *contubernii* de urbanicianos a cavalo, ele rumou aos arrabaldes de Roma, seguindo, como tantos outros, a denúncia de um pretoriano bêbado que jurava ter visto Nero nos arredores da Via Salária.

Agora, ali está ele, de pé diante do déspota moribundo. Dolens mete o gládio na bainha e inclina-se sobre Nero. Segura-lhe o queixo com a mão esquerda, enquanto, com a direita, tão delicadamente quanto possível, arranca o punhal do ferimento. Um jorro de sangue respinga em seu rosto. Dolens tenta estancar a hemorragia, embora saiba ser um esforço inútil: quanto mais aperta a artéria rompida, mais sente a vida do imperador esvair-se-lhe entre os dedos. Ele fixa seus olhos castanhos no fugidio brilho azulado dos olhos de Nero. “Como é ser você?”, Dolens desejaria perguntar. “Como é fazer apenas aquilo que dá vontade, nunca ter pago aluguel, levar para cama quem bem lhe apetece? Como é passar uma vida inteira sem nunca ter ouvido alguém que lhe dissesse não?”. Dolens pensa nessas e em várias outras perguntas, mas se mantém calado, nem tanto por respeito, e sim pela consciência do ridículo: que respostas poderia esperar de um homem com a garganta cortada?

Para Nero, o olhar inquisitivo do centurião é o olhar da posteridade. “Vocês nunca me entenderão”, ele pensa, dividido entre o desapontamento e o orgulho. E morre de olhos abertos.

Foto de Eduardo Tropia

MAX MALLMAN
Nasceu em Porto Alegre e vive desde 1999 no Rio de Janeiro. Divide seu tempo entre a literatura e a televisão. Desde 2005, integra a equipe de roteiristas do seriado *A grande família.* Este texto é um fragmento do romance *O centésimo em Roma* (Rocco, 2010).

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Número especial organizado por Guiomar de Grammont

Governador do Estado de Minas Gerais Antonio Augusto Junho Anastasia
Secretário de Estado de Cultura Washington Mello
Secretário Adjunto Estevão Fiúza
Superintendente do SLMG Jaime Prado Gouvêa
Assessor Editorial Fabrício Marques
Projeto Gráfico e Direção de Arte Plínio Fernandes – Traço Leal
Conselho Editorial Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Equipe de Apoio Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, José Augusto Silva
Estagiárias Geizita Mendes, Mariana Novaes, Mariana Piastrelli
Jornalista Responsável Antônia Cristina De Filippo – Reg. Prof. 3590/MG

Capa: Carol Reis

Textos assinados são de responsabilidade dos autores

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1141
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: **www.cultura.mg.gov.br**

IMPRENSA OFICIAL
Governo do Estado de Minas Gerais

GOVERNO DE MINAS

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas

O que é uma biografia?
A ilusão biográfica, como
refletiu Bourdieu, consiste
em dar unidade ao que é
fragmentário e disperso. O
sentido de uma existência
é construído na narrativa.
Ao mesmo tempo, a
infinidade de pequenos
acidentes, a banalidade do
quotidiano parecem não
interessar no momento em
que se tenta reconstituir
uma vida. São filigranas
que dificultariam a
montagem da história.
Poderiam torná-la
confusa ou carregada de
detalhes que desviariam
o leitor do eixo central.
Além disso, a literatura
é para o leitor e, por isso,
tem sede do extraordinário,
dos matizes fulgurantes
que se destacam na
matéria cinzenta dos dias.
Supõe-se que, ali, o leitor
encontrará o que não há
em sua vida insossa e banal
e, por isso, terá mais desejo
de mergulhar no cinema